



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

**MILENA DA SILVA GARCIA**

**BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**O USO PEDAGÓGICO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: UMA PESQUISA-AÇÃO NUMA  
ESCOLA DE GUAÍÚBA-CE**

**REDENÇÃO-CE**

**2015**

**MILENA DA SILVA GARCIA**

**O USO PEDAGÓGICO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: UMA PESQUISA-AÇÃO NUMA  
ESCOLA DE GUAÍÚBA-CE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Humanidades. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rebeca de Alcântara e Silva Meijer

**REDENÇÃO-CE**

**2015**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira**

**Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)**

**Biblioteca Setorial Campus Liberdade**

**Catálogo na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos CRB-3 / 1219**

---

Garcia, Milena da Silva.

G198

O uso pedagógico da literatura afro-brasileira na construção da identidade negra: uma pesquisa-ação numa escola de Guaiúba-CE. / Milena da Silva Garcia. – Redenção, 2015.

71 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer.  
Inclui Figuras, Quadros e Referências.

1. Negros – Identidade racial – Brasil. 2. Identidade negra. I. Título

CDD 305.896081

---

**MILENA DA SILVA GARCIA**

**O USO PEDAGÓGICO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: UMA PESQUISA-AÇÃO NUMA  
ESCOLA DE GUAÍÚBA-CE**

Aprovada em: / /

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Rebeca Alcântara Meijer (orientadora)**  
**Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira**  
**(UNILAB)**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera Regina Rodrigues da Silva**  
**Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira**  
**(UNILAB)**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Geranilde Costa e Silva**  
**Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira**  
**(UNILAB)**

**Redenção**

**2015**

**Dedico este trabalho a minha família em especial a meus pais, meus grandes incentivadores e meus maiores exemplos de perseverança. E a todos que me acompanharam neste trajeto e sonharam junto a mim.**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo dom da vida, pela sabedoria e a força para lutar por meus sonhos e pelo discernimento nas escolhas e decisões que me trouxeram aqui.

A minha família que sempre me apoiou especialmente meus pais que nunca me deixaram desistir e mesmo com todas as dificuldades estavam sempre dispostos a me ajudar, que não me deixaram lutar por meus sonhos sozinha, mas perseveraram comigo até o fim.

Pelas pessoas que Deus colocou em meu caminho, que me incentivaram a perseverar e que foram auxílio nos momentos mais difíceis e angustiantes. Em especial minhas amigas Fabiana, Natália, Révia, Marcos, Vanderlania, Laryssa e Lislely que se alegraram comigo e com os quais pude compartilhar cada nova conquista e também as dificuldades.

A Orientadora Dr. Rebeca Alcântara por ter acreditado em minhas ideias, me acolhido e pela paciência, atenção, zelo e incentivo com o qual me ajudou a realizar este trabalho.

Agradeço a todos da Escola Francisco Bandeira Torres a instituição que me acolheu para realização das oficinas.

E a todos que direta ou indiretamente colaboraram na minha formação o meu muito obrigada.

## RESUMO

A sociedade Brasileira é marcada vários estereótipos e preconceitos relacionados à pessoa negra, reconhecer-se como negro é um desafio, pois desde cedo somos educados em uma mentalidade que inferioriza pessoas negras. Pouco se conhece sobre a história e cultura africana e afro-brasileira e o pouco que se conhece é relacionado a escravidão ou com uma ideia de inferioridade. Isto gera como consequência uma desvalorização de padrões da estética negra e a negação de “si” como pessoa negra. Como uma arma para mudar essa realidade tem-se a lei 10.639/2003 que determina o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, porém apesar de mais de dez anos de implementação desta lei a cultura africana e afro-brasileira ainda é pouco conhecida e pouco valorizada na sociedade brasileira. A partir desse contexto realizamos esta pesquisa que tem como objetivo pesquisar até que ponto e de que forma algumas intervenções pedagógicas acerca da literatura afro-brasileira realizadas numa escola pública municipal de Guaiúba influenciaram na construção da identidade negra e contribuíram para a implementação da lei 10.639/2003. O presente estudo está intitulado por: *O uso pedagógico da literatura Afro-Brasileira na construção da identidade negra: uma pesquisa-ação numa escola de Guaiúba-Ce* no qual nos utilizamos da literatura afro-brasileira para trabalharmos a questão racial, em especial a temática da construção da identidade em uma turma do 4º ano de uma escola pública do município de Guaiúba-Ce. Realizamos uma avaliação diagnóstica com os alunos para obtermos dados referentes ao conhecimento já existente sobre a lei e sobre a cultura africana e afro-brasileira e em seguida aplicamos três oficinas tendo como base livros literários afro-brasileiros com objetivo de transformar a realidade acerca do assunto e de apresentar a professora metodologia para trabalhar a questão racial nessa e em outras turmas. Por último analisamos o alcance de nossas ações e concluímos que as oficinas tiveram um resultado positivo, pois a partir delas os alunos se apropriaram do conhecimento sobre mais personagens negros, e não negros escravizados e inferiorizados e por meio da fala e das atividades dos discentes percebemos que estes passaram a conhecer outra imagem das pessoas negras e a valorizarem aspectos e características da estética negra, contribuindo assim na construção da identidade e na implementação da lei 10. 639/2003.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura afro-brasileira, identidade negra, lei 10. 639/2003.

## **ABSTRACT**

Brazilian society is marked by various stereotypes and prejudices to black person be recognized as black is a challenge because since we are early educated in a mentality that inferior black people. Little is known about the history and African culture and African-brazilian and the little that is known is related to slavery or an inferiority idea. This creates caused the devaluation of the black aesthetic standards and the denial of himself as a black person. As a weapon to change this reality has been the law 10.639 2003 which determines the teaching of African history and culture and African-Brazilian schools, but despite more ten years of implementation of this law African and African-Brazilian culture is still relatively unknown and undervalued in Brazilian society. From this context we conducted this research that aims to research to what extent and how some pedagogical interventions on the african-Brazilian literature held in a municipal public school Guaiúba influenced the construction of black identity and contributed to the implementation of Law 10.639 / 2003. This study is called for: The pedagogical use of the Afro-Brazilian literature in the construction of black identity: an action research in a Guaiúba-Ce school in which we use the african-Brazilian literature to work the race issue, especially the issue the construction of identity in a class of 4th year in a public school in the city of Guaiúba-Ce. We conducted a diagnostic evaluation with students to get the data to existing knowledge about the law and about African culture and African-Brazilian and then apply three workshops based on African-Brazilian literary books in order to transform the reality on the subject and present the methodology for teacher works Finally we analyze the scope of our actions and concluded that the workshops had a positive result, because from them students take ownership of knowledge about the darkest characters, not enslaved blacks and inferior and through speech and activities of the students realize that they have come to know another image of black people and to value aspects and features of the black aesthetic thus contributing to the implementation of Law 10.639 / 2003.

**KEYWORDS:** African-Brazilian literature, black identity, law 10.639 / 2003.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Capa do livro o menino marrom.....	43
Fotografia 2 – Escutando o áudio do livro o menino marrom.....	51
Fotografia 3 – Explicação da atividade.....	51
Fotografia 4 – Brincando de ilustradores 1.....	52
Fotografia 5 - Brincando de ilustradores 2.....	52
Fotografia 6 – Capa do livro os cabelos de Lelê.....	54
Fotografia 7 – Conhecendo a história de Lelê 1.....	55
Fotografia 8 – Conhecendo a história de Lelê 2.....	56
Fotografia 9 – Explicação da atividade com a caixinha dos segredos.....	56
Fotografia 10 – Escrevendo os segredos.....	56
Fotografia 11 – Capa do livro doce princesa negra.....	58
Fotografia 12 – Conhecendo as realezas .....	59
Fotografia 13 – Escrevendo uma história sobre realeza .....	60
Fotografia 14 – Encenação da história.....	60
Fotografia 15 – Foto com a turma.....	60

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Desenho e resposta do aluno 1.....	34
Quadro 2 – Desenho e resposta do aluno 2.....	35
Quadro 3 – Desenho e resposta do aluno 3.....	36
Quadro 4 – Desenho e resposta do aluno 4.....	37
Quadro 5 – Desenho e resposta do aluno 5.....	38
Quadro 6 – Desenho e resposta dos aluno 6.....	39
Quadro 7 – Desenho e resposta do aluno 7.....	40
Quadro 8 – Desenho e resposta do aluno 8.....	41
Quadro 9 – Historinha da equipe 1 .....	43
Quadro 10 – Historinha da equipe 2 .....	45
Quadro 11 – Historinha da equipe 3 .....	46
Quadro 12 – Historinha da equipe 4 .....	47
Quadro 13 – Historinha da equipe 5 .....	49
Quadro 14 – Segredos dos alunos .....	53

## **Sumário**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1. CAPÍTULO TEORICO.....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 A questão racial e a escola: racismo, discriminação, preconceito, estigma da cor negra. ....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 Legislação e educação .....</b>	<b>19</b>
<b>1.3 Literatura de base africana e afro-brasileira na escola.....</b>	<b>21</b>
<b>1.4 Educação e construção da identidade negra .....</b>	<b>23</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 Pesquisa-ação .....</b>	<b>26</b>
<b>2.2 Sobre o universo pesquisado .....</b>	<b>27</b>
<b>2.3 Passo a passo da pesquisa.....</b>	<b>28</b>
<b>3. CAPÍTULO DE INTERVENÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 Avaliação diagnostica .....</b>	<b>29</b>
<b>3.2 Oficinas temáticas e suas análises.....</b>	<b>42</b>
<b>3.2.1 Oficina 1 “O menino marrom” .....</b>	<b>42</b>
<b>3.2.2 Oficina 2: O cabelo de Lelê .....</b>	<b>52</b>
<b>3.2.3 Oficina 3: Doce Princesa Negra .....</b>	<b>57</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>66</b>
<b>Apêndice 1. Questionário de alunos .....</b>	<b>66</b>
<b>Apêndice 2. História O Menino Marrom.....</b>	<b>67</b>
<b>Apêndice 3. Historia O cabelo de Lelê .....</b>	<b>69</b>
<b>Apêndice 4. Historia Doce Princesa Negra .....</b>	<b>70</b>
<b>Apêndice 5. Termo de consentimento com assinatura dos pais dos alunos envolvidos na pesquisa.....</b>	<b>71</b>
<b>Apêndice 6. Termo de consentimento da instituição de ensino. ....</b>	<b>72</b>

## INTRODUÇÃO

Ser negro na sociedade brasileira sempre foi um desafio. No período colonial ser negro era considerado sinônimo de escravidão, de ser inferior e digno de humilhação e ao que parece esta imagem negativa sobre ser negro ainda prevalece na mente de algumas pessoas na sociedade atual. Para Nilma Gomes (2003, p. 171) “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros.”

Não é incomum perceber que as relações sociais ainda são marca das pelas desigualdades e que grande parte delas é em decorrência da questão racial. Uma consequência desses estigmas que rodeiam a imagem do negro se reflete no olhar estético da pessoa negra sobre si e o olhar do outro sobre a pessoa negra.

A escola como espaço de convivência social não foge de relações conflituosas pautadas na questão racial. Por isso é de extrema importância que a temática racial seja discutida e ensinada no ambiente escolar.

O interesse por estudar esta temática surge a partir de um conhecimento mais amplo sobre a lei 10.639/2003 que determina o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas e das experiências vivenciadas nos tempos de escola.

Como aluna negra, pude em alguns momentos presenciar e vivenciar atitudes preconceituosas que no momento não conseguia entender a razão, apenas percebia e sentia desconforto quando as vivenciava.

Não diferente da maioria eu conhecia muito pouco sobre a história e cultura africana e afro-brasileira e este pouco conhecimento era relacionado a escravidão. A imagem do negro que eu conhecia era de uma forma muito negativa o que influenciou diretamente na formação de minha identidade e no meu reconhecimento como negra. Não me aceitava como negra, afinal o que eu sabia era que ser negra não parecia ser algo bom. Não conhecia histórias boas com personagens negros, as princesas em sua maioria eram brancas e como poderia uma criança negra sonhar em ser princesa sem deixar de ser negra, se todas as princesas que conhecia eram brancas? A imagem que me ajudaram a construir sobre os(as) negro(as) era algo negativo. Na minha infância senti

falta de conhecer as histórias com personagens negros como as que hoje eu conheço e por isso percebo a importância de trazê-las para as escolas.

Em certo momento em uma visita a uma escola presenciei um aluno fazer piadas em relação a uma garota por causa de seu cabelo, ao notar a forma como aquela menina ficou diante do ocorrido, pude perceber que o que para alguns era brincadeira, para outros seria algo muito sério e doloroso. Aquilo que para aquele menino parecia ser apenas uma brincadeira, pode ter deixado uma profunda marca na autoestima da garota. Esta situação me fez despertar para perceber que temáticas ligadas a construção da identidade, também eram um tema central a serem discutidas nas escolas, percebi naquela situação que as relações dentro da escola são de extrema importância para elevar ou rebaixar a autoestima das crianças e observei ainda que há muito desrespeito nestas relações. Esta situação direcionou minha pesquisa e me motivou a estudar o tema e trazê-lo para dentro do ambiente escolar.

Junto à situação anterior ao iniciar a vida acadêmica pude conhecer mais de perto do que se tratava a lei 10.639/2003 e decidi iniciar um trabalho abordando esta temática. Foi a partir deste trabalho que se iniciou em minha vida um processo de construção de minha identidade como pessoa negra, através da pesquisa pude aceitar o que eu realmente era, a pesquisa permitiu que eu desconstruísse a imagem ruim sobre o ser negro que eu vinha formando durante a vida. Por meio das experiências anteriores e atuais percebo a importância de trazer o debate sobre a questão racial para as escolas e de permitir que as crianças conheçam a realidade sobre o ser negro.

Recordando as experiências vivenciadas no tempo de colégio e observando as relações sociais e raciais no ambiente escolar atualmente, pude perceber que o preconceito o racismo e a discriminação ainda se manifestam fortemente. Muitas vezes ser negro na escola é enfrentar olhares de desprezo, apelidos maldosos, risadas ofensivas e em alguns momentos as atitudes discriminatórias recorrentes do preconceito enraizado na mente das pessoas ainda são vistas como algo comum e portanto não são combatidas. Essas ações em alguns, casos podem deixar uma profunda marca na vida dos que sofreram com elas, que poderão se manifestar ao longo de suas vidas.

Ao conhecer a lei 10.639/2003 percebi que havia um caminho para se combater o preconceito. Na vida acadêmica conheci os movimentos e lutas por igualdade e respeito das pessoas negras e com o desejo de abraçar esta causa iniciei este trabalho, para que o

que é previsto por lei possa ser cumprido, para apresentar metodologias para cumprir a lei e combater o preconceito, o racismo e a discriminação a partir do reconhecimento da beleza em ser negro. O quanto antes aplicarmos medidas reparatórias e ensinarmos as crianças a lidarem com as diferenças como algo não negativo, mas nos aproximaremos da possibilidade de combater o preconceito e o racismo. Nesta via, a literatura se destaca como um método eficiente, pois esta pode alcançar os alunos tanto a partir dos textos quanto das imagens. É preciso desconstruir a imagem negativa que ronda o ser negro e um caminho para isso é contando uma nova história. Ser negro é beleza!

O presente trabalho está intitulado “O uso pedagógico da literatura Afro-Brasileira na construção da identidade negra: uma pesquisa-ação numa escola de Guaiúba-Ce” e surge a partir da seguinte questão: Até que ponto e de que forma intervenções pedagógicas acerca da construção da identidade a partir da literatura afro-brasileira realizadas numa escola pública municipal de Guaiúba contribuirão para a implementação da lei 10.639/2003?

Definimos como objetivo geral pesquisar até que ponto e de que forma algumas intervenções pedagógicas acerca da literatura afro-brasileira realizadas numa escola pública municipal de Guaiúba influenciaram na construção da identidade negra e contribuíram para a implementação da lei 10.639/2003.e como objetivos específicos da pesquisa para obtenção do resultado final, realizar avaliação diagnóstica acerca das ações desenvolvidas na escola sobre a implementação da lei 10.639/2003 em especial sobre literatura afro-brasileira; desenvolver intervenções pedagógicas acerca do uso da literatura afro-brasileira na construção da identidade negra com alunos do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Guaiúba para a implementação da lei 10.639/2003 e analisar até que ponto e de que maneira algumas intervenções pedagógicas sobre o uso da literatura afro-brasileira na construção da identidade negra contribuíram para implementação da lei 10639/2003.

Para a realização desta pesquisa primeiramente realizamos um levantamento teórico sobre quatro temas centrais: A questão racial e a escola, legislação e educação, literatura afro-brasileira, a educação e a construção da identidade negra a fim de aprofundar os conhecimentos sobre o assunto.

Para apresentar alguns conceitos e ideias importantes no debate sobre a questão racial e para discutir a importância deste dialogo nas escolas destacam-se neste trabalho

Gomes e Sant'Ana (2005) e para ressaltar a importância do reconhecimento cultural de cada aluno nas práticas pedagógicas, nos aportamos em Freire (1996).

No diálogo sobre a legislação e a educação tomamos como embasamento teórico o Estatuto da igualdade racial, as diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações étnico raciais e para o ensino de história e cultura Afro-brasileira e africana, e Oliveira Silva (2012) para apresentarmos o caminho de lutas percorrido e alguns avanços já alcançados na luta pela igualdade racial.

Para discorrermos sobre a importância e eficácia do uso da literatura afro-brasileira nas escolas como via para desconstrução das imagens negativas sobre o ser negro, usamos Ana Célia Silva e Heloisa Pires Lima. No diálogo sobre a educação construção da identidade negra apresentamos mais uma vez as ideias de Nilma Lino Gomes (2003) e Inaldete Pinheiro de Andrade (2005).

A segunda parte deste trabalho está direcionada a apresentação da metodologia utilizada sendo está o método da pesquisa-ação que tem como principal característica a intervenção no meio. Utilizamos Tripp (2005) e Barbiér (2007) para situar o leitor acerca desta metodologia e de suas características.

Esta metodologia foi aplicada através de uma análise diagnóstica para levantamento de dados acerca dos conhecimentos já existentes sobre literatura afro-brasileira e sobre o olhar dos(as) alunos(as) sobre a pessoa negra e por meio de 03 (três) oficinas relacionadas à valorização estética negra através do uso de livros de literatura afro-brasileira em uma escola pública de Água Verde, distrito de Guaiúba. Nesta parte do trabalho encontra-se também a descrição do universo estudado e dos passos seguidos na a realização desta pesquisa.

Por último apresentamos três oficinas realizadas e os resultados obtidos por meio destas e por fim as considerações finais do trabalho.

## 1. CAPITULO TEORICO

### 1.1 A questão racial e a escola: racismo, discriminação, preconceito, estigma da cor negra.

A Escola hoje tem considerado a participação do aluno como um processo inovador, por proporcionar não só uma educação de qualidade, mais uma formação cidadã e consciente dos seus atos. Para tanto se faz necessário, que todos se sintam acolhidos em vários aspectos: convivência e respeito as diferenças, independentes de sua condição social, Econômica, Raça ou religião.

Infelizmente a realidade do ensino ainda foge bastante de um padrão que favoreça essa plena sensação de acolhimento a todos os alunos. O preconceito e a discriminação são fortes fatores geradores de desconforto nos educandos, fator este que dificulta não somente a participação, mas em muitos casos também a permanência do aluno na escola.

Segundo Paulo Freire (1996, p.23) “Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural”, ou seja, é necessário não somente reconhecer as diferenças culturais de cada aluno, mas a escola também deve assumir tomar para si as diferenças e fazer destes conteúdos de debate e de ensino proporcionando aos alunos uma aprendizagem que lhes permita enxergar para além de sua realidade particular e olhar para o outro e conhecendo a sua identidade e cultura, saber respeitá-lo.

Desde cedo a criança deve aprender lidar, respeitar e valorizar as diferenças. A educação infantil desempenha um papel fundamental na formação desses valores como é destacado no plano nacional de implementação da lei 10.639/03.

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, a formação da personalidade, a construção da inteligência e a aprendizagem. Os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação, fazendo com que as crianças, desde muito pequenas, compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnicorraciais para a história e a cultura brasileiras. (BRASIL, MEC, 2003, p.49)

Freire (1996, p.24) continua afirmando que “A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado”.

Dessa forma a escola deve estar ciente de que as práticas de ensino devem respeitar a diversidade cultural, histórica e social trazida por cada aluno e, portanto o conteúdo de ensino deve abranger a esta realidade, isto favorecerá aos educandos perceber um ambiente que lhes seja agradável e os auxiliará no desenvolvimento de sua autoestima contribuindo para seu melhor desempenho.

Sabe-se que na formação da nação brasileira há uma grande contribuição da cultura Africana, porém como diz Silva (2005, p.21) [...] “os sujeitos dessas culturas são representados, em grande parte, nos meios de comunicação e materiais pedagógicos, sob forma estereotipada e caricatural, despossuídos de humanidade e cidadania.” Essa imagem reflete diretamente na vida dos educandos que passam a não querer assumir sua identidade (no caso de crianças negras) e a desenvolver rejeições quanto a imagens contrárias ao “padrão” aceito pela sociedade.

Nas escolas os livros didáticos são os materiais mais utilizados, porém Silva (2005) lembra que na maioria das vezes neste material a humanidade e a cidadania são representadas pelo homem branco e de classe média e negros índios e mulheres descritos pela cor e gênero apenas para registrar sua existência. Desta forma é necessário desconstruir a imagem estereotipada apresentada no material escolar e que é refletida nas relações sociais.

Assim como a escola é um dos lugares onde há um grande encontro de diferenças, (não no caso de inferioridade e superioridade e sim como diversidade). Ela pode ser um ambiente de grande manifestação de preconceitos e discriminação, mas também pode ser um meio de romper com essas ideias e atitudes. Isso vai depender do conteúdo trabalhado, das ações pedagógicas. Estes devem ajudar a desconstruir o preconceito impregnado na sociedade. Essa mudança é lenta, mas é possível na medida em que se realize uma educação para as questões étnico-raciais.

Conforme Oliveira a imagem dos negros no conceito ocidental geralmente é ligada a características negativas:

No pensamento ocidental a escuridão, a sombra e a cor negra assumiram representações simbólicas do mal, da desgraça, da perdição e da morte. Estes atributos negativos, presentes em muitos mitos, são associados às populações que possuem a cor negra, como um estigma, principalmente através da educação (OLIVEIRA apud MEIJER, 2007, p. 16)

Este estigma ligado a cor negra dá base para atitudes racista e discriminatórias.

Partindo para o conceito de racismo Nilma Gomes o apresenta com base em duas dimensões. Segundo ela:

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. (GOMES, 2012, p.52).

Para Gomes (2012, p. 52) o racismo deu base para diversos atos de violência, desde o isolamento de pessoas negras em ambiente sociais, agressões até o Apartheid<sup>1</sup>.

Em decorrência dessas ideias de superioridade e inferioridade que giravam em torno do conceito de raça, o ser negro trouxe em si uma marca, um estigma que associa sempre o negro ao negativo, ao ruim, gerando nas pessoas uma tendência a negação do ser negro.

Assim como a herança da visão colonial dos negros, que estigmatizou a cor negra a associando aos negativos, feio, sujo, mal, diversos preconceitos se formaram e permanecem com relação a pessoas negras afro descendentes.

Antônio Olímpio de Sant'Ana (2005, p. 62) define preconceito como “uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio época e educação ou ainda como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos”. Para Gomes (2012, p. 54) este preconceito impede que as pessoas se abram a um maior conhecimento sobre o objeto de seu julgamento, impedindo-o de reavaliar sua posição.

Essas ideias e julgamentos sobre algo e/ou alguém quando partem para o plano da ação são denominadas de discriminação, que Sant'Ana (2005, p. 63) define como “conduta ou ação (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros.”

Com base no conceito de Gomes:

A palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a

---

<sup>1</sup> Foi um regime de segregação racial implantado na África do Sul que ocorreu de 1948 a 1994. O termo significa separação. Esta política racial consistia em uma divisão racial e territorial entre brancos e negros, na qual os brancos exerciam hierarquia sobre os demais negando-lhes seus direitos.

efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam. (GOMES, 2012, P.55)

Infelizmente muitas pessoas ainda têm seus direitos violados por conta dos critérios citados acima. Isso revela que apesar de todas as lutas e direitos já alcançados ainda há muito que se buscar. A sociedade brasileira encontra um desafio a mais na luta contra o preconceito, racismo e a discriminação uma vez que nega a existência do racismo e do preconceito racial. Isso decorre do mito da democracia racial que alega que somos uma sociedade miscigenada e que por isso no Brasil não há preconceito, porém pesquisas apontam que está realidade não é concreta e que as lutas ainda tem que continuar.

## **1.2 Legislação e educação**

No Brasil a sociedade foi marcada por um sistema escravagista que tinha sua economia baseada na mão de obra negra e que estava centralizada nos interesses de uma elite branca e Europeia. O negro mesmo após a abolição da escravidão ficou à margem da sociedade, pois não havia um sistema que acolhesse os “ex-escravos” estes acabaram por continuar prestando serviço aos senhores. E ainda hoje se pode notoriamente observar as consequências disto em uma sociedade hierárquica e preconceituosa.

Muitas foram às lutas ao longo destes anos para o reconhecimento das desigualdades raciais para que a partir deste reconhecimento pudesse buscar a conquista de direitos e igualdade de pessoas negras. Movimentos negros e de simpatizantes da causa vem lutando para que todos possam usufruir dos mesmos direitos. Segundo Oliveira Silva:

Tratando-se de pensar a cidadania e os direitos de negros e negras do Brasil, instaura-se, sobretudo, a partir do surgimento do Movimento Negro, um momento de lutas pelos direitos dos grupos minoritizados no Brasil. Nesse contexto, as ações afirmativas são um marco na ressignificação do pensamento racial brasileiro, elas refletem o momento em que, saindo da ideia de democracia racial, o governo é pressionado a reconhecer o racismo característico da sociedade brasileira e a traçar estratégias para combatê-lo. (SILVA, 2012, p.5)

Como uma dessas grandes conquistas tem-se o estatuto da igualdade racial. Na tentativa de garantir os direitos de igualdade este aparece como [...] “um conjunto de ações afirmativas, reparatórias e compensatórias.” (Brasília, 2006, P.5). Suas ações têm como objetivo “garantir direitos fundamentais à população afro-brasileira” (Ibidem, p.3), pois como destaca ainda o próprio estatuto da igualdade [...] “a adoção de políticas afirmativas é fundamental para reparar os prejuízos causados por séculos de escravidão.” (Ibidem, P.7)

Essas ações afirmativas são destinadas a vários setores da sociedade.

VII – implementação de ações afirmativas destinadas ao enfrentamento das desigualdades raciais nas esferas da educação, cultura, esporte e lazer, saúde, trabalho, meios de comunicação de massa, terras de quilombos, acesso à Justiça, financiamentos públicos, contratação pública de serviços e obras, entre outras. (BRASÍLIA, 2006, p.9)

Trabalhar com a questão racial é de extrema importância na sociedade brasileira, pois apesar de já se ter alcançado alguns avanços, gráficos e pesquisas ainda revelam um significativo número de desigualdade entre brancos e negros, desigualdade esta que nitidamente se percebe também no dia a dia e nas relações sociais.

Outra conquista decorrente destas lutas e que busca garantir o cumprimento das ações afirmativas no âmbito da educação é a lei nº10.639/03, que altera a lei nº9.394/1996 de diretrizes e bases da educação nacional e estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura Afro-brasileira e Africana na educação Básica. Esta lei é vista como uma oportunidade de ensinar e valorizar a etnia Africana na formação dos (as) alunos (as), como agentes ativos na transformação social buscando dar visibilidade a contribuição da África e de seus descendentes na formação do país.

A aplicação desta lei rompe com o conteúdo tradicional trazido nos livros didáticos. Por muito tempo os livros só traziam a imagem dos negros como escravos humilhados e desumanizados sem mostrar que estes ao serem traficados também trouxeram cultura e costumes que colaboraram com a formação da sociedade brasileira. Esse conteúdo colaborou para que algumas pessoas buscassem está mais próximas dos padrões estéticos e sociais exigidos pela sociedade levando em alguns casos a não aceitação de si e de suas heranças, bem como para atitudes racistas e discriminatórias, pois o próprio material utilizado na escola alimentava a visão negativa do ser negro contribuindo para

que as marcas decorrentes do período colonial continuassem a influenciar na vida dos afro-brasileiros.

Nesse contexto a escola e os professores desenvolvem um papel essencial no rompimento desta mentalidade.

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. (BRASILIA, 2004, p.15)

As práticas pedagógicas devem levar os alunos a uma mentalidade que respeite as diferenças a partir do reconhecimento da participação dos negros na formação nacional. O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana estabelece metas e estratégias para garantir a aplicação da lei em todos os níveis de ensino. Com base nas ações e estratégias propostas por este plano a escola deve trabalhar os conteúdos exigidos pela lei 10.639/2003.

Este conteúdo se torna evidencialmente importante na medida em que se observa os resultados de pesquisas referentes a questões raciais nas escolas. Dados do IBGE(2010) apontam que as maiores taxas de analfabetismo no Brasil são referentes a pessoas negras alertando assim para que se atue no combate frente a problemas causadores da desistência desse público nas escolas.

### **1.3 Literatura de base africana e afro-brasileira na escola.**

Na busca pela inserção de conteúdos que mudem a dimensão da visão negativa do negro, que descolonizem a visão eurocêntrica que põem a imagem do europeu como ideal e auxilie na implementação da lei 10.639/03 a literatura de base africana e afro-brasileira se apresenta como um caminho, uma vez que está permite as crianças a conhecerem e lidarem com as diferenças não somente por meio de texto, mas como diz Heloisa Pires Lima (2005, p. 101) “Toda obra literária, porém transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado” através de imagens de personagens elas poderão buscar o reconhecimento do outro ou de si.

Por meio da literatura e dos personagens apresentados nas histórias, os alunos podem ainda conhecer a história e cultura Africana e suas contribuições na formação do país e perceber nos personagens sua beleza. As histórias literárias infantis são materiais que atraem os alunos e permitem que estes possam mergulhar em um universo que muitas vezes era desconhecido por eles.

Em outros casos o professor por meio das histórias pode instigar o aluno a refletir criticamente sobre o lugar em que o negro aparece como o negro é colocado na história. Buscando descolonizar a imagem já construída pela sociedade em que o negro tem que estar sempre a margem, em situações inferiores.

Os livros didáticos geralmente apresentam o negro de forma inferiorizada. Ana Célia silva ressalta (2005) que muitas vezes no caso de crianças empobrecidas este ainda possa ser o único acesso dela a leitura, portanto trabalhar com histórias de heróis negros e narrativas que ressaltem a imagem negra é permitir que as crianças se sintam orgulhosas de seus descendentes e nestes casos conhecer a beleza do ser negro por meio de narrativas literárias é também uma maneira de fornecer as crianças uma nova forma de se colocarem na sociedade.

Usar literatura afro-brasileira nas escolas permite trabalhar vários aspectos da vida dos educando como valores, rompimento de mentalidades e preconceitos e temas como estética e valorização da cultura, religiosidade, de forma dinamizada.

A valorização pessoal é também importante para o combate do preconceito. Antes que os outros valorizem o que somos é necessário que tenhamos uma autoestima e valorização pessoal, porém na realidade escolar, diante de atitudes discriminatórias as crianças tendem a sentir-se inibidas e em alguns casos a negação de suas características é o caminho que seguem para que sejam acolhidas.

Ana Célia Silva defende ainda que é possível corrigir as ideias acerca do ser negro impregnadas na sociedade:

A presença do negro nos livros, frequentemente como escravo, sem referência ao seu passado de homem livre antes da escravidão e às lutas de libertação que desenvolveu no período da escravidão e desenvolve hoje por direitos de cidadania, pode ser corrigida se o professor contar a história de Zumbi dos Palmares, dos quilombos, das revoltas e insurreições ocorridas durante a escravidão; contar algo do que foi a organização sócio-político-econômica e cultural na África pré-colonial; e também sobre a luta das organizações negras, hoje, no Brasil e nas Américas. (SILVA, 2005, p.25)

O uso da literatura, de mitos e histórias sobre personagens negros, descrição de sua beleza e sua valorização na narrativa entram em embate com as histórias de sofrimento e humilhação sofridos pelos negros na escravidão, e ainda com outras narrativas “pós-escravidão” que continuaram a mostrar o negro vitimado, permitindo aos alunos conhecer outro lado do ser negro.

Ensinar literatura é como contar uma nova história. Não é negar a escravidão, mas mostrar que ser negro não é e nunca será algo ruim. Ser negro é ter cultura, ter beleza, ter história, lutas e conquistas. Os alunos irão perceber isso na medida em que lhes forem apresentados essas narrativas rompendo com a imagem negativa da visão do colonizador como afirma Klinberg (apud SILVA, 2005 p.27) “Quanto mais às crianças tiverem conhecimento de que os argumentos usados para provar a inferioridade de outras raças foram desmentidos, mais fortemente hábitos e atitudes de aceitação e integração do diferente irão desenvolver”.

Por meio da literatura é possível contar uma nova história sobre a população negra e afrodescendente e mesmo aos poucos é possível reconstruir a imagem do ser negro na sociedade. Sabemos que reeducar as ideias que trazemos sobre a imagem dos negros e afrodescendentes não é uma tarefa fácil, é um trabalho árduo que necessita de tempo para ir se concretizando, porém não é uma tarefa difícil de ser realizada se mesmo aos poucos formos lutando e combatendo nossos próprios preconceitos e ajudando aos outros a também se libertarem de ideias antigas e errôneas que trazemos sobre ser negro.

#### **1.4 Educação e construção da identidade negra**

A escola como espaço de convivência é também o lugar de encontro de valores e ambiente onde se descobrem qualidades e habilidades dos alunos, porém está também pode ser o palco para manifestações de preconceitos e discriminações que atingem diretamente a autoestima dos alunos comprometendo seu aprendizado e permanência na escola. Conforme observa Gomes:

A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. (GOMES, 2003, p.171)

Como já apresentado nos tópicos anteriores sabemos que a sociedade brasileira carrega grandes marcas de seu passado de escravidão. Podemos citar como uma dessas consequências a desvalorização e negação da estética negra, a padronização do fenótipo europeu como modelo padrão aceito pela sociedade fatores esses que comprometem a construção da identidade principalmente de pessoas negras.

Para entendermos a relação entre a escola e a construção da identidade tomemos o conceito de Nilma Lino Gomes que apresenta a identidade negra como:

(...) uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (GOMES. 2003, p.171)

Nessa condição do coletivo está a escola como um dos primeiros espaços de maior relação um com o outro e, portanto como espaço de construção da identidade. A escola é o lugar de encontro das diferenças, e onde se constrói boa parte das ideias que carregaremos por toda a vida. “Para Gomes (2003, p. 170) “É por meio da educação que a cultura introjeta os sistemas de representações e as lógicas construídas na vida cotidiana, acumulados (e também transformados) por gerações e gerações.”

Sendo espaço de construção de identidade as relações sociais dentro do ambiente escolar são de grande importância para a construção da autoestima e da valorização estética das crianças. Para Gomes (2003) a escola não é lugar onde só se compartilha saberes escolares, mas uma instituição na qual compartilhamos crenças, valores, hábitos e preconceitos. Esta se torna assim um espaço que interfere na autoestima dos alunos de acordo com as relações sociais que acontecem no interior dela, tornando essencial que conteúdos que ressaltem tanto a imagem tanto de negros quanto de brancos seja usado como material pedagógico.

O uso de livros que apresentem brancos e negros em situações de valorização é algo que pode contribuir para o rompimento de preconceitos dentro do ambiente escolar, pois cada aluno poderá se perceber nas situações apresentadas nos livros sem a ideia de superioridade de nenhuma das partes. Inaldete Pinheiro de Andrade (2005, p. 120) aponta a importância da elevação da autoestima das crianças negras para construção da identidade e pertencimento racial, para ela é necessário “positivar o lado

negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências ou de simples amostras de ilustrações de personagens negras”.

Ela aponta ainda o papel da memória<sup>2</sup> neste processo, pois segundo ela “juntar os fragmentos da memória constitui o processo de identidade de uma pessoa. (ANDRADE, 2005, p.120). Entende-se assim, que se a criança tem somente memórias negativas sobre algo a tendência é que está o negue.

Segundo Andrade:

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana. (2005, p.120)

Retomando a ideia de que a construção da identidade se realiza por meio do olhar do indivíduo sobre si a partir da relação com o outro, justifica-se o papel da memória neste processo de construção identitária, pois a partir das lembranças e conhecimentos é que o indivíduo formará o seu olhar sobre si mesmo e o olhar para o outro. Se pessoas brancas aprendem e adquirem somente imagens negativas em relação a pessoas negras elas formarão um olhar negativo sobre o negro e o mesmo acontece com o(a) negro(a) sobre si mesmo.

Percebemos então que a construção da identidade possui ligação direta com a educação, pois a partir dos conhecimentos adquiridos sobre história e cultura de cada povo as crianças construirão as ideias sobre si e sobre os outros.

---

<sup>2</sup> Andrade apresenta memória a partir do conceito de distante (1988) ‘ como o órgão que armazena as experiências positivas e negativas e “que formam o patrimônio cultural de cada pessoa. ” (ANDRADE, 2005, p. 119).

## 2. METODOLOGIA

O método utilizado na realização desta pesquisa foi o da pesquisa ação, que será apresentado neste capítulo.

Em seguida descreveremos o universo pesquisado e apresentaremos os sujeitos da pesquisa, finalizando com a descrição dos passos adotados para realização deste trabalho.

### 2.1 Pesquisa-ação

O método utilizado na elaboração deste trabalho é a pesquisa-ação, que tem por objetivo não somente a produção do conhecimento, mas também intervir no campo de pesquisa com base em um problema encontrado pelo pesquisador.

Segundo Tripp (2005) não há certeza sobre quem foi o inventor da pesquisa ação, embora muitas vezes seja atribuída a criação do processo a Lewin, há muitos indícios do uso desse tipo de pesquisa em outros tempos e lugares.

Barbié apresenta a definição deste tipo de pesquisa:

“Trata-se de pesquisas nas quais há uma ação deliberada de transformação da realidade; pesquisas que possuem um duplo objetivo: transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações” (BARBIÉ apud HUGON, SEIBEL, 2007, Pág., 17)

Na medida em que o pesquisador produz conhecimento, neste tipo de pesquisa ele também visa transformar a realidade. Para isso é necessário um maior envolvimento deste com o campo, pois “a pesquisa-ação conduz a uma nova postura e a uma nova inscrição do pesquisador na sociedade.” (BARBIÉ, 2007, p.17).

Para Tripp (2005, pág. 446) está também deve ser reconhecida como um tipo de investigação-ação, pois é um processo que segue um ciclo de quatro atividades no qual “Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.”

A pesquisa-ação requer do pesquisador improviso, uma vez que este estará com o objeto de pesquisa fazendo do campo e do objeto sua vida social. Requer técnicas novas, pessoais que serão despertadas de acordo com a situação.

Muitas vezes o pesquisador tem que agir além de sua área de atuação como ressalta Barbié (2007, p. 18): “No decorrer de sua prática, ele é as vezes sociólogo, ou psicossociólogo, ou filósofo, ou psicólogo, ou historiador, ou economista, ou inventor, ou militante, etc...”

Conforme descreve Tripp:

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos. (TRIPP, 2005, pág445).

Desta forma, este tipo de pesquisa se mostra de grande eficiência em vista do campo de pesquisa e os motivos que impulsionaram a realização deste trabalho, buscando transformar a realidade por meio de atividades interventivas com alunos e professores, para contribuir com o cumprimento do que é descrito na lei 10.639/2003 que é o ensino da história e cultura Africana e afro-brasileira nas escolas.

As etapas apresentadas por Tripp (2005) para realização da pesquisa foram aqui seguidas da seguinte maneira, primeiramente foi realizado um planejamento de como se daria a pesquisa e as atividades de campo, depois o conteúdo foi implementado na escola por meio de atividades lúdicas com os alunos e professores e descritos cada passo adotado. Por último foi realizada uma avaliação de como as atividades contribuíram para o cumprimento da lei 10.639/2003 e qual o resultado imediato que estas oficinas produziram nos alunos.

## **2.2 Sobre o universo pesquisado**

A pesquisa foi realizada na Escola de Educação Básica Municipal Maria Alzenira Ribeiro da Silva, localizada na Rua: João Brito de Souza Filho, nº 44, no distrito de Água Verde, Zona Urbana, a 17 quilômetros da Cidade de Guaiúba.

A escola atende atualmente 3 (três) turmas do 4º e 2 (duas) do 5º ano do ensino fundamental na modalidade presencial, nos turnos manhã e tarde. A Escola é avaliada pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) com média 4,0. Este é responsável por avaliar a qualidade do aprendizado e estabelecer metas para a melhoria da qualidade do ensino.

Em relação a estrutura física, a escola possui 02 (duas) salas de aula, 01 (uma) secretária/diretoria, 01 (uma) cantina com depósito de merenda, 01 (um) pátio coberto, 02 (dois) banheiros e 01 (um) laboratório de informática. A escola possui espaço insuficiente para atender a demanda de alunos, sendo necessário que 1 uma turma matriculada assista aula em outro prédio que funciona como anexo.

Quanto aos recursos humanos, a escola conta com 1 (uma) diretora, 1 (uma) coordenadora, 4 (quatro) professores(as) 1 (um) cursando graduação, 2 (dois) graduados (as) e 1 (uma) pós-graduada, 1 (um) secretário, 1 (uma) merendeira, 1 (uma) auxiliar de serviços gerais e 2 (dois) vigias.

### **2.3 Passo a passo da pesquisa**

Primeiramente foi feita uma avaliação diagnóstica com alunos e uma professora do 4º ano baseada no tema da literatura Afro-brasileira visando, verificar os saberes já existentes acerca da cultura afro-brasileira e sobre o material utilizado pela escola para trabalhar este tema.

A partir deste levantamento de dados foram realizadas 4 atividades com os alunos e a professora do 4º ano, com o objetivo de trabalhar a estética negra a partir do uso da literatura afro-brasileira na escola e desempenhar um papel formativo com os professores, para uma possível contribuição para implementação e cumprimento da lei 10.639/03 na escola em questão. Por último foi realizada a análise do material recolhido para obtenção de um resultado.

### **3. CAPITULO DE INTERVENÇÃO E ANÁLISE DE DADOS**

Antes de serem realizadas intervenções no campo de pesquisa, aplicamos uma avaliação diagnóstica com o objetivo de conhecer o campo de estudo e recolher dados acerca do conhecimento dos alunos e professores sobre literatura, história e cultura africana e afro-brasileira.

#### **3.1 Avaliação diagnóstica**

A avaliação consistia em um questionário com oito perguntas sendo que a primeira era como os alunos se consideravam conforme os marcadores do IBGE, branco, preto, pardo e indígena, porém deixamos que os alunos acrescentassem uma outra opção caso não se identificassem com nenhuma das alternativas apresentadas.

Em uma turma de 30 (Trinta) alunos, 19 (dezenove) estavam presentes no dia em que foi aplicada a avaliação diagnóstica e 18 (dezoito) responderam o questionário. Em relação ao primeiro questionamento, como você se considera? 2 (dois) marcaram a opção branco, 4 (quatro) alunos consideraram-se pretos, 9 (nove) marcaram pardo, 1(um) marcou a opção indígena e 1 (um) aluno acrescentou a opção marrom.

O 2º, 3º e 4º questionamento foram relacionados a preconceitos e apelidos ofensivos que os alunos sofrem no ambiente escolar. O objetivo destes questionamentos foi também observar qual o pensamento dos alunos sobre a cor da pele e características físicas de pessoas negras e afrodescendentes, pois algumas vezes as crianças manifestam por meio de apelidos a sua ideia a respeito do outro e de suas características e também as ideias que elas tem sobre si próprias.

Quando foram questionadas se já tinham sofrido ou presenciado alguém sofrer preconceito devido a cor da pele 9 (nove) dos 18 (dezoito) alunos responderam sim e os outros 9 (nove) disseram não ter sido vítima ou presenciado preconceito devido a cor da pele.

O 3º questionamento era complemento do segundo e perguntava se a discriminação tinha partido dos colegas da escola, dos professores ou dos funcionários da instituição. Dos alunos que marcaram a opção positiva na questão anterior 8 acusaram que a discriminação partiu dos colegas e 1 disse ter vindo dos professores.

Antes de apresentar os próximos resultados é importante esclarecer que o terceiro questionamento iniciava-se da seguinte maneira: “Em caso afirmativo esta discriminação partiu de...” Portanto os alunos que responderam não na questão anterior não precisavam responder a esta. Também ressaltamos que nesta pergunta eles poderiam marcar mais de uma alternativa.

Porém dos alunos que disseram não ter sofrido nem presenciado preconceito em relação a cor da pele na 2º questão, apenas 1 (um) não marcou a 3º questão que indagava de quem tinha partido a discriminação. 6 (seis) marcaram que a discriminação partiu de colegas, 1(um) marcou funcionários e 1 (um) marcou a alternativa professores. Esses dados revelam discordância na resposta dos alunos, em um primeiro momento eles firmaram não ter sofrido ou presenciado atitudes preconceituosas relacionadas a cor da pele, porém os próprios alunos que disseram não ter presenciado preconceito acusam de quem partiu as atitudes que eles disseram não ter presenciado.

O 4º questionamento era se os alunos já foram vítimas ou se já tinham presenciado, visto ou ouvido apelidos ofensivos com os colegas da escola.

17 (dezesete) alunos responderam que sim, já foram vítimas, viram ou presenciaram apelidos ofensivos e 1 (um) respondeu que não. Os apelidos citados foram: Luluzinha, titela, Beiço de jumento, carrapato, palito, gordura, barata-branca, bezerro marrom, goiaba, caramelo, rato da Coca-Cola, cabelo de pipoca, dente de coelho, baleia fora d'água, carrapicho, cenoura, homem palito, trave de futebol, venta do bob esponja, pimentinha, feijoada, orelhudo, orelha de cassaco, burrinha marrom, pequena, clube dos piolhos, cobra, cabeça grande e cabeça de marreta.

Alguns dos apelidos são relacionados à cor das crianças ou a alguma característica física. Gomes diz que “esses apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência (2002, p. 45). O uso destes apelidos pode revelar ideias preconceituosas dos alunos em relação aos outros, que ocorrem por meio de comparações. Essas manifestações podem vir a partir de ideias como “aquilo que o outro tem diferente de mim não é bom”

O uso de comparações para formular uma ideia padrão foi um dos critérios usados na colonização. Conforme Gomes:

Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais. (GOMES, 2002, p.42)

Os resultados destas três perguntas revelam contradição nas respostas ou até dúvida sobre o que seria preconceito. Há uma possível confusão por parte deles sobre até onde um apelido é uma manifestação de preconceitos.

A 5ª questão tinha o objetivo de avaliar o conhecimento dos alunos em relação a cultura afro-brasileira. Apenas um aluno não respondeu esta pergunta os outros escreveram que conheciam capoeira, vatapá, feijoada, pega-pega (brincadeira), creme de galinha. Citaram também o futebol como sendo uma manifestação cultural afro-brasileira.

Observamos que há pouco conhecimento sobre a cultura afro-brasileira e que algumas vezes os alunos não conhecem se algo é ou não de influência Africana. Muitas vezes os alunos desvalorizam uma cultura por não conhecerem sua riqueza. Em outros casos conhecem a manifestação cultural, mas não sabem sua origem.

Na questão de número 6 (seis) os alunos foram interrogados se os professores falavam da história da população negra na sala de aula. Segundo a resposta de 16 (dezesesseis) dos alunos o professor fala sim sobre a história da população negra em sala de aula, apenas dois responderam negativamente a esta pergunta.

As questões 7 (sete) e 8 (oito) eram referentes a literatura afro-brasileira. Nestas questões os alunos foram interrogados acerca de seu conhecimento sobre livros e personagens negros. Perguntamos primeiro se o professor já leu ou pediu para eles lerem alguma história com personagens negros. Em seguida pedimos que citassem um dos tais livros.

Dos 18 (dezoito) alunos entrevistados 15 (quinze) responderam sim ao primeiro questionamento, um não marcou nem sim, nem não e 2 (dois) responderam que o professor não leu e nem pediu que eles lessem livros com personagens negros. Quando pedi que citassem os livros lidos, dos 15 (quinze), a maioria citou a história do Saci Pererê, poucos deles acrescentaram a história do negrinho do pastoreio e dos escravos. Chegaram também a citar personagens de novelas como o personagem Cirilo da novela carrossel, a tribo indígena Tupi Guarani, curupira e a mula sem cabeça.

O aluno que não marcou nenhuma opção citou os mesmos personagens que os outros, e dos que marcaram a opção negativa um chegou a citar como livro “os negros”, outro não escreveu nada no espaço para citar os livros.

Essas respostas mostram que apesar de atualmente existirem vários livros literários com personagens negros, há pouco conhecimento sobre eles. Os poucos personagens conhecidos pelos alunos fazem parte do folclore que é trabalhado como conteúdo escolar em certa época do ano. Outro fato interessante é que os alunos confundem o indígena com o negro.

Michely Peres de Andrade fala sobre a não representação dos negros e indígenas como sujeitos históricos:

Os negros e indígenas brasileiros, por sua vez, ocupam o local do folclórico e do exótico, não sendo representados como sujeitos históricos partícipes. Poucos eram os docentes, até uma década atrás, que discutiam a produção intelectual negra ou incluíam, nas ementas escolares, acontecimentos históricos protagonizados por africanos escravizados no Brasil, a exemplo da rebelião dos Malês. (ANDRADE, 2013, p. 43)

Infelizmente os dados da questão acima revelam uma grande carência do ensino da história tendo negros e indígenas como personagens essenciais na formação do país, e mostram ainda que é incomum ter negros como personagens centrais de uma história e que quando há, são de natureza folclórica.

Como continuidade da sétima indagação, pedimos que eles fizessem uma relação de personagens negros presentes nos livros que eles conhecem. Eles mencionaram negro preto, Saci, africanos, escravos e mais uma vez personagens de novelas reforçando então que há pouco conhecimento de livros e personagens negros e afro-brasileiros.

Para um país que tem a maioria de sua população negra, percebe-se que a imagem mais valorizada e utilizada ainda é a do Europeu. Os livros lidos nas escolas apresentam em sua maioria personagens brancos de olhos e cabelos claros, os heróis conhecidos e admirados por nossas crianças e jovens são os que possuem estas características. E quantos heróis negros e afros ainda são esquecidos. As crianças continuam a valorizar mais a imagem eurocentrada porque é o que lhes é apresentado como bom, como bonito.

No nona e última questão da avaliação diagnóstica pedi para que os alunos se desenhasssem e a suas famílias e pintassem os desenhos de acordo com a cor que eles os consideravam e respondessem os seguintes questionamentos: Como você se considera? Qual a cor de seus olhos? Qual a cor de seu cabelo? Como você considera seu pai? Como você considera sua mãe? E seus irmãos?

Segue uma tabela com os desenhos de alguns dos alunos e suas respostas aos questionamentos e a análise plástica desta questão com o objetivo de despertar e treinar o olhar sensível sobre os alunos conforme sugestões da orientadora deste trabalho que adota a perspectiva sociopóética<sup>3</sup> em suas pesquisas.

É importante ressaltar que as perguntas foram iguais para todos os alunos, porém alguns não responderam a todos os questionamentos. Determinados alunos não colocaram a cor de certos membros da família, um dos possíveis motivos pode ser a ausência destes como no caso de filhos únicos, ou órfãos de pai ou de pai. Não nos atentamos para esta possibilidade e fizemos perguntas diretas como “Qual a cor da mãe?” Ao invés de responsável para o caso de alunos que morem com avós, tios ou outros.

Como foi descrito anteriormente, 18 (dezoito) alunos responderam a avaliação diagnóstica. Porém nem todos fizeram os desenhos. Alguns desenharam, mas não responderam os questionamentos, apenas 14 (quatorze) produziram o desenho e desses apenas 8 (oito) responderam as questões complementares do desenho.

Pedimos que os alunos se desenhasssem e desenhasssem também os membros de suas famílias. Analisando a descrição de seus familiares realizada pelos alunos percebe-se que apenas uma das crianças afirmou ter um dos pais pretos (sem especificar se era o pai ou a mãe). As crianças também usaram o termo marrom e moreno para referirem-se a cor da pele dos membros da família.

Se seguirmos os marcadores do IBGE, os termos marrom e morena não são oficialmente usados para especificar uma raça, porém o termo moreno é usado por muitos no Brasil.

---

<sup>3</sup> A Sociopóética foi idealizada pelo filósofo e pedagogo francês Jacques Gauthier. [...] O pesquisador oficial assume o papel de facilitador-mediador da pesquisa. O grupo pesquisador tem papel de ativa participação em todas as etapas do processo, e os dados não são coletados, mas produzidos pelo coletivo. MEIJER, Rebeca de Alcântara Silva. **Valorização da Cosmovisão Africana na Escola: Narrativa de uma pesquisa-formação com professores piauienses**. Fortaleza, 2012, p. 77.

Quadro 1 – Desenho e resposta do aluno 1

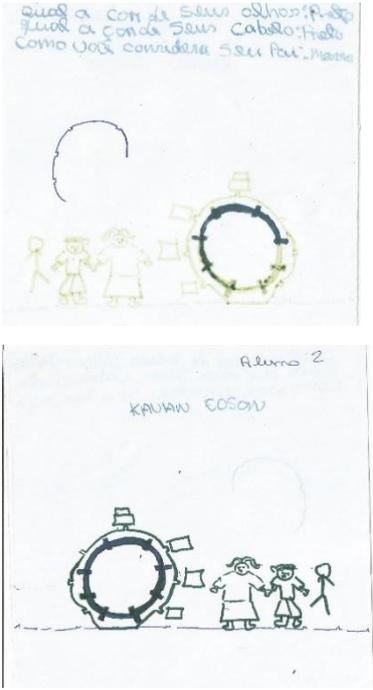
DESENHO	ALUNO 1
 <p>     MEU OLHO SÃO PRETO      MEU CABELO SÃO PRETO E LOIRO      COMO VOCÊ CONSIDERA SEU PAI? BRANCO      COMO VOCÊ CONSIDERA SUA MÃE? MORENA      COMO VOCÊ CONSIDERA SEUS IRMÃOS? PARDOS   </p>	<p>Meus olhos são pretos</p> <p>Meus cabelos são pretos e loiros</p> <p>Como você considera seu pai? Branco</p> <p>Como você considera sua mãe? Morena</p> <p>Como você considera seus irmãos? Pardos</p>

Fonte: Dados da pesquisa.

No desenho do Aluno1 observa-se que este considera seus olhos pretos, os cabelos pretos e loiros e considera seu pai branco, sua mãe morena e seu irmão pardo.

Ao compararmos com o desenho feito por esse aluno percebe-se que este nas pinturas deixou o boneco que simbolizava o pai sem pintura na pele, pintou a mãe de rosa também não pintou o irmão e a si mesmo usou a cor roxa para referir-se a sua cor. A pintura do pai que foi considerado branco é a única que está em concordância com a descrição, as outras não revelam claramente a cor dos membros da família inclusive a cor do próprio aluno.

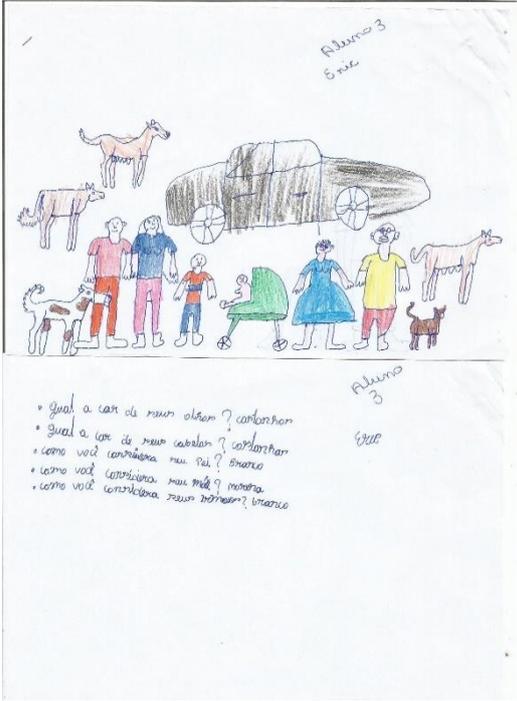
#### Quadro 2 – Desenho e resposta do aluno 2

DESENHO	ALUNO 2
	<p>Qual a cor de seus olhos? Pretos</p> <p>Qual a cor de seus cabelos? Pretos</p> <p>Como você considera seu pai? Marrom</p>

Fonte: Dados da pesquisa

O aluno 2 expôs em seu desenho três pessoas sendo que duas destas ele desenhou com detalhes, porém não pintou nenhuma. Na resposta dos questionamentos ele colocou que a cor de seus olhos é preto, de seus cabelos pretos e que considerava seu pai moreno.

Quadro 3 – Desenho e resposta do aluno 3

DESENHO	ALUNO 3
 <p>Aluno 3 6 ano</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual a cor de seus olhos? castanho</li> <li>• Qual a cor de seus cabelos? castanho</li> <li>• Como você considera seu pai? Branco</li> <li>• Como você considera sua mãe? Morena</li> <li>• Como você considera seus irmãos? Brancos</li> </ul> <p>Aluno 3 6 ano</p>	<p>Qual cor de seus olhos? Castanhos</p> <p>Qual a cor de seus cabelos? Castanhos</p> <p>Como você considera seu pai? Branco</p> <p>Como você considera sua mãe? Morena</p> <p>Como você considera seus irmãos? Brancos</p>

Fonte: Dados da pesquisa

O aluno 3 fez um desenho de uma família bem numerosa pintou todos os membros com o lápis rosa bem claro, cor que geralmente é usada quando queremos passar a ideia de que os personagens são brancos. Quanto aos questionamentos o aluno representa seu pai como sendo branco, sua mãe como morena e irmãos brancos. Apesar de considerar sua mãe como sendo morena, o aluno usou o lápis rosa para representar a cor da pele de sua mãe, enquanto que pessoas morenas geralmente são representadas pela cor marrom.

#### Quadro 4 – Desenho e resposta do aluno 4

DESENHO	ALUNO 4
 <p>Hand-drawn drawing and questionnaire of a student named EVERLYN. The drawing shows a house, a family of five people, and a heart labeled "FAMÍLIA". The questionnaire below asks about eye color, hair color, and how the student considers their parents. The student's answers are written in pink and brown ink.</p>	<p>Qual a cor de seus olhos? Castanhos  Qual a cor de seu cabelo? Preto  Como você considera seu pai? Pardo  Como você considera sua mãe? Parda</p>

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 5 – Desenho e resposta do aluno 5

DESENHO	ALUNO 5
 <p>YURY</p> <p>qual a cor de seus olhos? Pretos  qual a cor de seus cabelos? Preto  Como você considera seu pai? Pardo  Como você considera sua mãe? Parda  Como você considera seus irmãos?  Branco</p>	<p>ALUNO 5</p> <p>Qual a cor de seus olhos? Pretos</p> <p>Qual a cor de seus cabelos? Preto</p> <p>Como você considera seu pai? Pardo</p> <p>Como você considera sua mãe? Parda</p> <p>Como você considera seus irmãos? Branco</p>

Fonte: Dados da pesquisa

O aluno do desenho 5 não pintou nenhum dos membros de sua família. Nos questionários ele respondeu que considera seus pais pardos e seus irmãos brancos.

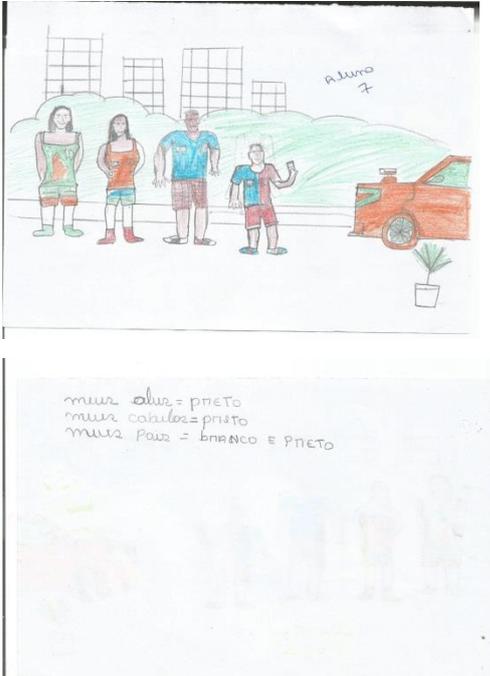
Quadro 6 – Desenho e resposta do aluno 6

DESENHO	ALUNO 6
 <p>Handwritten text in the drawing:</p> <p>ALUNO 6      MEUS OLHOS SÃO? MEUS CABELOS?      X CASTANHA COMO VOCÊ CONSIDERA A SUA MÃE? Parda      CON VOCÊ CONSIDERA SEU PAI? Branco      COM VOCE CONSIDERA SEUS IRMÃOS? Brancos</p>	<p>ALUNO 6</p> <p>Meus olhos são castanhos</p> <p>Meus cabelos são loiros</p> <p>Como você considera seu pai? Branco</p> <p>Como você considera sua mãe? Parda</p> <p>Como você considera seus irmãos? Brancos</p>

Fonte: Dados da pesquisa

No do aluno 6 observa-se que este pintou todos os membros de sua família em um marrom de tom bem claro com exceção de um personagem no qual ele usou um marrom mais escuro em sua pintura. Na resposta dos questionamentos este aluno disse considerar todos os membros de sua família brancos e apenas sua mãe parda. Talvez a personagem do desenho apresentada em marrom escuro seja a representação da mãe, única na família considerada parda.

#### Quadro 7 – Desenho e resposta do aluno 7

DESENHO	ALUNO 7
 <p>meus olhos = preto meus cabelos = preto meus pais = branco e preto</p>	<p>Meus olhos são pretos Meus cabelos são pretos Meus pais são pretos e brancos</p>

Fonte: Dados da pesquisa

No desenho 7 o aluno representou os membros de sua família todos com a cor marrom e na questão respondeu que seus pais eram um branco e outro preto sem especificar a quem cada cor se referia.

Quadro 8 – Desenho e resposta do aluno 8

DESENHO	ALUNO 8
	<p>ALUNO 8</p> <p>Meus olhos são cor de castanha</p> <p>Meu cabelo é preto</p> <p>Meu pai é pardo</p>

Fonte: Dados da pesquisa

No desenho do aluno número 8 percebe-se que este não usou nenhuma cor para representar o tom de pele das pessoas presentes no desenho apesar de haver pintado todo o restante do desenho. No questionário este só respondeu o questionamento referente a cor de seu pai afirmando que este é pardo.

Ao analisarmos os desenhos e as pinturas percebemos que alguns alunos entram em discordância quanto à resposta dos questionamentos e os desenhos, e que outros optaram por não pintar. Alguns usam lápis coloridos como o roxo para representar a cor de sua pele. Os motivos para isso podem ser devido aos estigmas relacionados à cor negra e em alguns casos simplesmente por não quererem pintar.

### **3.2 Oficinas temáticas e suas análises**

#### **3.2.1 Oficina 1 “O menino marrom”**

Esta oficina interventiva teve o objetivo de discutirmos e refletirmos a estética negra, e como conceitos estéticos de beleza são construídos a partir da cor da pele. Iniciamos mostrando o áudio do texto do livro o menino marrom de Ziraldo, optamos por não mostrar as imagens para que estas não interferissem na outra atividade da oficina, isto favoreceu aos alunos desenvolverem habilidades de escuta e atenção. Em seguida solicitei que eles e elas se dividissem em equipe e produzissem as ilustrações da história que foi em formato de uma historinha em quadrinho, permitindo assim que eles exercessem a criatividade.

No decorrer da análise, após já termos aplicado a oficina com os alunos, percebemos que este livro trata a temática da questão racial com base em um elogio a mestiçagem. O autor refere-se a um menino negro com o termo marrom, este detalhe pode influenciar os alunos, pois no questionário e durante o diálogo, já foi observado que os alunos optaram por se reconhecerem como marrons ao invés de negros, apontando uma possível maneira de negar a cor de suas peles. Em relação ao uso de expressões como marrom para referir-se a pessoas negras Cavalleiro (2001) apud Cenciani (2008), afirma:

Precisamos entender que a criança negra não é “moreninha”, “marronzinha”, nem “pretinha”. Quando a criança reclama que não quer ser negra, ela está nos dizendo que não quer o tratamento costumeiramente dado às pessoas pertencentes a este grupo racial. O que ela não quer é ser ironizada, receber apelidos, ser excluída das brincadeiras... Assim, melhor do que chamá-la de “moreninha” para disfarçar a sua negritude é cuidar para que ela receba

atenção, carinho e estímulo para poder elaborar sua identidade racial de modo positivo. (p.156).

Fotografia 1 – Capa do livro o menino marrom



A seguir apresento os trabalhos produzidos pelas equipes:

Quadro 9- Historinha da equipe 1

<p>1. FOI UMA TARDE OS DOIS BRINCÁVAM COM AS CORES QUANDO O MENINO MARROM MISTUROU TODAS AS TINTAS QUE TINHAM NA CAIXINHA, TODAS AS CORES. E AI? SABE O RESULTADO QUE DEU?</p> <p style="text-align: right;">1</p>	<p>2. A MISTURA DAS CORES TODAS CRIOU UM MARROM, UM MARROM FORTE COMO O DO CHOCOLATE PURO. O MENINO MARROM OLHOU AQUELA COR QUE ELE TINHA INVENTADO E FALOU: -OLHÁ! É A MINHA COR! OS OLHINHOS DO MENINO COR DE ROSA BRILHARAM COMO ELES BRILHAM DIANTE DAS DESCOBERTAS E ELE DISSE: -SUA COR É A SOMA DE TODAS AS CORES. E O MENINO MARROM FICOU TODO FELIZ COM SUA COR E ACHOU QUE ERA BOM.</p> <p style="text-align: right;">2</p>

3 JUSTO NO DIA SEGUINTE NA ESCOLA A TIA LEVOU TODA A TURMA PARA O LABORATORIO DO COLÉGIO PARA DAR ALGUMAS EXPLICAÇÕES SOBRE CORES. QUANDO OS DOIS SOUBERAM QUE O ASSUNTO ERA COR FICARAM MUITO EXCITADOS, E QUE ELAS IAM REVELAR AOS COLEGUINHAS SUA GRANDE DESCOBERTA.

3 -EU CHEGO E CONTO? PERGUNTOU O MENINO COR DE ROSA  
-NÃO! DISSE O MENINO MARRON. DEIXA A PROFESSORA FALAR PRIMEIRO. DEPOIS NÓS DAMOS NOSSO SHOW.



4 A PROFESSORA RESOLVEU MOSTRAR PARA ELAS O DISCO DE NEWTON. - TODO MUNDO CONHECE O DISCO DE NEWTON? TODO MUNDO JÁ FOI AO LABORATÓRIO DA ESCOLA?

O DISCO DE NEWTON É O SEGUINTE: UM PEQUENO CÍRCULO DE METAL PLANO OU COMO UM DISCO COMUM DIVIDIDO EM RAIOS COMO UMA RODA DE BICICLETA. SÃO SETE ESPAÇOS ENTRE OS RAIOS: CADA ESPAÇO COM UMA DAS CORES DO ARCO ÍRIS. O DISCO GIRA EM PÉ COMO UMA PEQUENA RODA GIGANTE TOCANDO POR UMA MANIVELA. VOCÊ TOCA A MANIVELA BEM DEPRESSA O DISCO VAI GIRANDO, GIRANDO, GIRANDO E AI? O QUE QUE ACONTECE? O QUE ACONTECE COM AS SETE CORES? O QUE? ISTO É O QUE OS MENINOS IAM DESCOBRIR NAQUELA MANHÃ NAQUELA ESCOLA.



5 A PROFESSORA MOSTROU O DISCO PARA ELAS E PERGUNTOU:  
-SE EU MISTURAR TODAS ESSAS CORES O QUE ELAS VIRAM?  
O MENINO GRITOU RÁPIDO:  
-VIRAM MARRON!  
E OLHOU ORGULHOSO PARA OS OUTROS. SÓ QUE ELE ESPERAVA APLAUSOS E LEVOU FOI O MAIOR SUSTO.



6 A PROFESSORA DISSE:  
-NÃO, EU VOU RODAR ESTE DISCO BEM DEPRESSA E VOU MISTURAR TODAS AS CORES NESTA ÚNICA RODADA. PRESTEM ATENÇÃO! FIQUEM DE OLHO NO DISCO E TODOS PRESTARAM ATENÇÃO.

O DISCO FOI GIRANDO, GIRANDO E DE REPENTE FICOU TODO BRANCO.  
-VIRAM? O BRANCO NÃO É UMA COR, O BRANCO É A SOMA DE TODAS AS CORES EM MOVIMENTO.

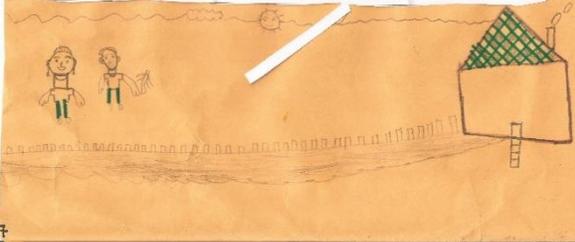
- COM ESSA NÃO CONTAVA, FALOU O MENINO MARRON.  
- NEM EU! FALOU O MENINO COR DE ROSA.



7 OS DOIS VOLTAM PARA CASA CALADOS COM A CABECINHA FERVENDO. A COISA TINHA FICADO DESSE JEITO. SE MISTURAR TODAS AS CORES E ELAS NÃO GIRAREM ELA FICARÃO MARRON. SE MISTURAR TOAS AS CORES EM PARTES IGUAIS E BOTA-LAS PARA RODAR ELAS VIRAM BRANCO. QUANDO DE REPENTE O MENINO MARRON FALOU PARA O MENINO COR DE ROSA:

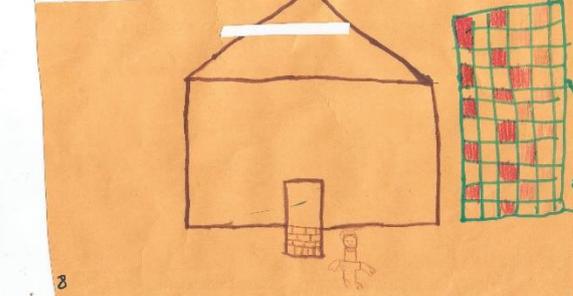
-QUER DIZER QUE SOU TODAS AS CORES PARADAS E VOCÊ TODAS AS CORES EM MOVIMENTO?  
O MENINO COR DE ROSA PENSOU UM POUCO E RESPONDEU:  
SÓ TEM UM DETALHE... EU NÃO SOU BRANCO!  
FRONTO, AGORA É QUE AS COISAS COMPLICARAM DE VEZ. E COMEÇOU AQUELA DISCUSSÃO.

O QUE É REALMENTE BRANCO NA NATUREZA?  
O TIPO DE PERGUNTA QUE O MENINO CURIOSO SEMPRE FAZ.



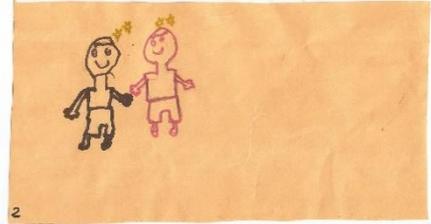
8 E QUANDO OS DOIS CHEGARAM EM CASA ESTAVAM ENCANTADOS COM UMA NOVA DESCOBERTA.

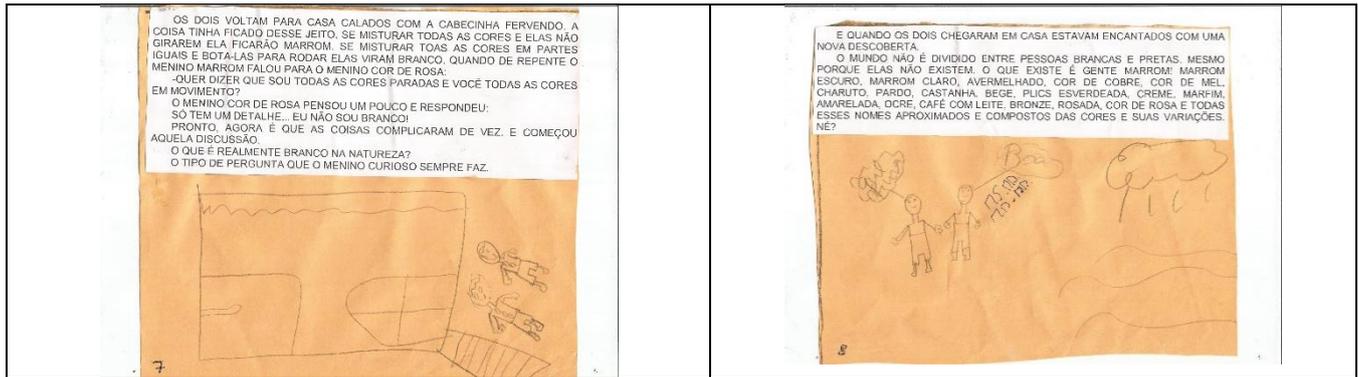
O MUNDO NÃO É DIVIDIDO ENTRE PESSOAS BRANCAS E PRETAS. MESMO PORQUE ELAS NÃO EXISTEM. O QUE EXISTE É GENTE MARRON! MARRON ESCURO, MARRON CLARO, AVERMELHADO, COR DE COBRE, COR DE MEL, CHARUTO, PARDO, CASTANHA, BEGE, PLÍCS ESVERDEADA, CREME, MARFIM, AMARELADA, OCRE, CAFÉ COM LEITE, BRONZE, ROSADA, COR DE ROSA E TODAS ESSES NOMES APROXIMADOS E COMPOSTOS DAS CORES E SUAS VARIAÇÕES. NE?



Fonte: Dados da pesquisa.

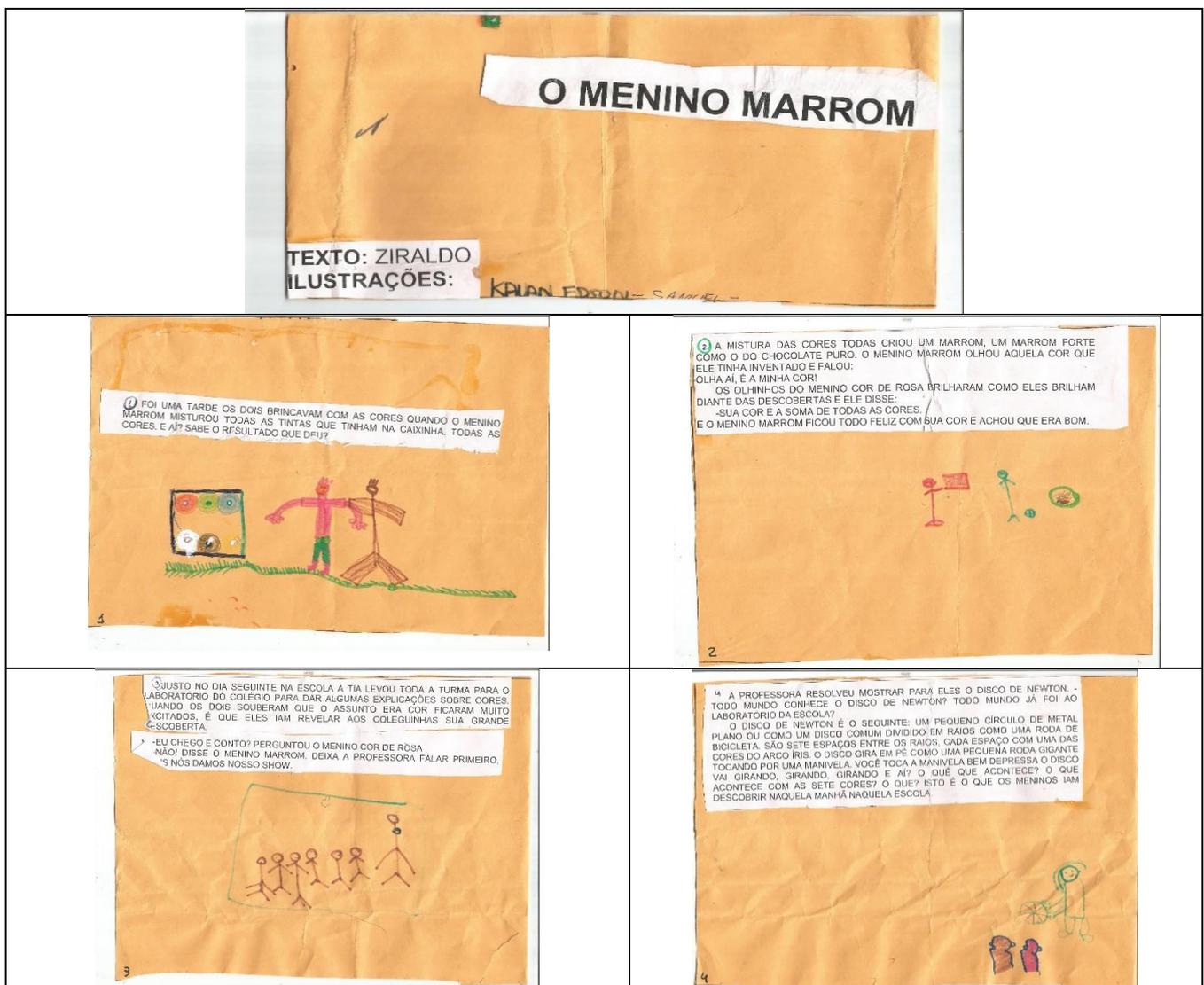
## Quadro 10 - Historinha da equipe 2

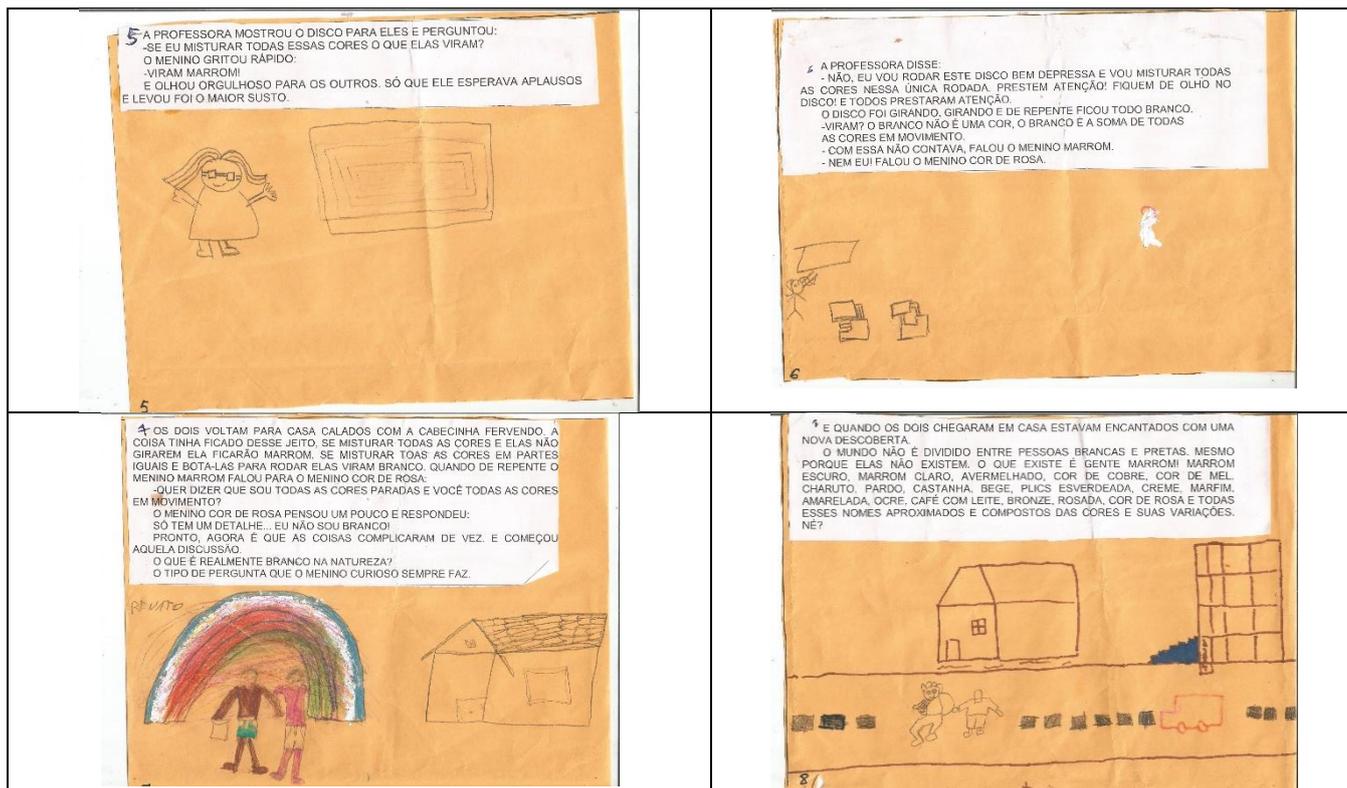
<p><b>TEXTO: ZIRALDO</b> <b>ILUSTRAÇÕES:</b></p> <p><i>Ana Clara. Sotieia. Fernanda. Francisco</i></p> <p><b>O MENINO MARROM</b></p>	
<p>FOI UMA TARDE OS DOIS BRINCAVAM COM AS CORES QUANDO O MENINO MARROM MISTUROU TODAS AS TINTAS QUE TINHAM NA CAIXINHA, TODAS AS CORES. E AI? SABE O RESULTADO QUE DEU?</p> 	<p>A MISTURA DAS CORES TODAS CRIOU UM MARROM, UM MARROM FORTE COMO O DO CHOCOLATE PURO. O MENINO MARROM OLHOU AQUELA COR QUE ELE TINHA INVENTADO E FALOU: -OLHA! É A MINHA COR! OS OLHINHOS DO MENINO COR DE ROSA BRILHARAM COMO ELES BRILHAM DIANTE DAS DESCOBERTAS E ELE DISSE: -SUA COR É A SOMA DE TODAS AS CORES. E O MENINO MARROM FICOU TODO FELIZ COM SUA COR E ACHOU QUE ERA BOM.</p> 
<p>JUSTO NO DIA SEGUINTE NA ESCOLA A TIA LEVOU TODA A TURMA PARA O LABORATÓRIO DO COLEGIO PARA DAR ALGUMAS EXPLICAÇÕES SOBRE CORES, EXCITADOS, E QUE ELES IAM REVELAR AOS COLEGUINHOS SUA GRANDE DESCOBERTA. -EU CHEGO E CONTO? PERGUNTOU O MENINO COR DE ROSA. -NÃO! DISSE O MENINO MARROM. DEIXA A PROFESSORA FALAR PRIMEIRO, DEPOIS NÓS DAMOS NOSSO SHOW.</p> 	<p>A PROFESSORA RESOLVEU MOSTRAR PARA ELES O DISCO DE NEWTON. - TODO MUNDO CONHECE O DISCO DE NEWTON? TODO MUNDO JÁ FOI AO LABORATÓRIO DA ESCOLA? O DISCO DE NEWTON É O SEGUINTE: UM PEQUENO CÍRCULO DE METAL PLANO OU COMO UM DISCO COMUM DIVIDIDO EM RAIOS COMO UMA RODA DE BICICLETA. SÃO SETE ESPAÇOS ENTRE OS RAIOS, CADA ESPAÇO COM UMA DAS CORES DO ARCO IRIS. O DISCO GIRA EM SE COMO UMA PEQUENA RODA GIGANTE TOCANDO POR UMA MANIVELA. VOCÊ TOCA A MANIVELA BEM DEPRESSA O DISCO VAI GIRANDO. GIRANDO, GIRANDO E AI? O QUE QUE ACONTECE? O QUE ACONTECE COM AS SETE CORES? O QUE? ISTO É O QUE OS MENINOS IAM DESCOBRIR NAQUELA MANHÃ NAQUELA ESCOLA.</p> 
<p>A PROFESSORA MOSTROU O DISCO PARA ELES E PERGUNTOU: -SE EU MISTURAR TODAS ESSAS CORES O QUE ELAS VIRAM? O MENINO GRITOU RÁPIDO: -VIRAM MARROM! E OLHOU ORGULHOSO PARA OS OUTROS. SÓ QUE ELE ESPERAVA APLAUSOS E LEVOU FOI O MAIOR SUSTO.</p> 	<p>A PROFESSORA DISSE: -NÃO, EU VOU RODAR ESTE DISCO BEM DEPRESSA E VOU MISTURAR TODAS AS CORES NESTA ÚNICA RODADA. PRESTEM ATENÇÃO! FIQUEM DE OLHO NO DISCO E TODOS PRESTARÃO ATENÇÃO. O DISCO FOI GIRANDO, GIRANDO E DE REPENTE FICOU TODO BRANCO. -VIRAM? O BRANCO NÃO É UMA COR. O BRANCO É A SOMA DE TODAS AS CORES EM MOVIMENTO. -COM ESSA NÃO CONTAVA, FALOU O MENINO MARROM. -NEM EU! FALOU O MENINO COR DE ROSA.</p> 



Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 11 - Historinha da equipe 3





Fonte: Dados da pesquisa.

#### Quadro 12 - Historinha da equipe 4



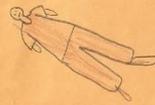
1 FOI UMA TARDE OS DOIS BRINCAVAM COM AS CORES QUANDO O MENINO MARRROM MISTUROU TODAS AS TINTAS QUE TINHAM NA CAIXINHA, TODAS AS CORES. E AI? SABE O RESULTADO QUE DEU?



1

2 A MISTURA DAS CORES TODAS CRIOU UM MARRROM, UM MARRROM FORTE COMO O DO CHOCOLATE PURO. O MENINO MARRROM OLHOU AQUELA COR QUE ELE TINHA INVENTADO E FALOU:

-OLHA AI, É A MINHA COR!  
OS OLHINHOS DO MENINO COR DE ROSA BRILHARAM COMO ELES BRILHAM DIANTE DAS DESCOBERTAS E ELE DISSE:  
-SUA COR É A SOMA DE TODAS AS CORES.  
E O MENINO MARRROM FICOU TODO FELIZ COM SUA COR E ACHOU QUE ERA BOM.



2

3 JUSTO NO DIA SEGUINTE NA ESCOLA A TIA LEVOU TODA A TURMA PARA O LABORATORIO DO COLÉGIO PARA DAR ALGUMAS EXPLICAÇÕES SOBRE CORES. QUANDO OS DOIS SOUBERAM QUE O ASSUNTO ERA COR FICARAM MUITO EXCITADOS, É QUE ELAS IAM REVELAR AOS COLEGUINHAS SUA GRANDE DESCOBERTA.

3 -EU CHEGO E CONTO? PERGUNTOU O MENINO COR DE ROSA  
-NÃO! DISSE O MENINO MARRROM. DEIXA A PROFESSORA FALAR PRIMEIRO, DEPOIS NOS DAMOS NOSSO SHOW.



3

4 A PROFESSORA RESOLVEU MOSTRAR PARA ELES O DISCO DE NEWTON. - TODO MUNDO CONHECE O DISCO DE NEWTON? TODO MUNDO JÁ FOI AO LABORATORIO DA ESCOLA?

O DISCO DE NEWTON É O SEGUINTE: UM PEQUENO CÍRCULO DE METAL PLANO OU COMO UM DISCO COMUM DIVIDIDO EM RAIOS COMO UMA RODA DE BICICLETA. SÃO SETE ESPAÇOS ENTRE OS RAIOS, CADA ESPAÇO COM UMA DAS CORES DO ARCO IRIS. O DISCO GIRA EM PE COMO UMA PEQUENA RODA GIGANTE TOCANDO POR UMA MANIVELA. VOCÊ TOCA A MANIVELA BEM DEPRESSA O DISCO VAI GIRANDO, GIRANDO, GIRANDO E AI? O QUE QUE ACONTECE? O QUE ACONTECE COM AS SETE CORES? O QUE? ISTO É O QUE OS MENINOS IAM DESCOBRIR NAQUELA MANHÃ NAQUELA ESCOLA.



5 A PROFESSORA MOSTROU O DISCO PARA ELES E PERGUNTOU:

-SE EU MISTURAR TODAS ESSAS CORES O QUE ELAS VIRAM?

O MENINO GRITOU RÁPIDO:

-VIRAM MARRROM!

E OLHOU ORGULHOSO PARA OS OUTROS. SÓ QUE ELE ESPERAVA APLAUSOS

E LEVOU FOI O MAIOR SUSTO.



5

6 A PROFESSORA DISSE:

- NÃO, EU VOU RODAR ESTE DISCO BEM DEPRESSA E VOU MISTURAR TODAS AS CORES NESTA ÚNICA RODADA. PRESTEM ATENÇÃO! FIQUEM DE OLHO NO DISCO! E TODOS PRESTARAM ATENÇÃO.

O DISCO FOI GIRANDO, GIRANDO E DE REPENTE FICOU TODO BRANCO.

-VIRAM? O BRANCO NÃO É UMA COR, O BRANCO É A SOMA DE TODAS AS CORES EM MOVIMENTO.

- COM ESSA NÃO CONTAVA, FALOU O MENINO MARRROM.

- NEM EU! FALOU O MENINO COR DE ROSA.



6

7 OS DOIS VOLTAM PARA CASA CALADOS COM A CABECINHA FERVENDO. A COISA TINHA FICADO DESSE JEITO, SE MISTURAR TODAS AS CORES E ELAS NÃO GIRAREM ELA FICARÃO MARRROM, SE MISTURAR TOAS AS CORES EM PARTES IGUAIS E BOTA-LAS PARA RODAR ELAS VIRAM BRANCO. QUANDO DE REPENTE O MENINO MARRROM FALOU PARA O MENINO COR DE ROSA:

-QUER DIZER QUE SOU TODAS AS CORES PARADAS E VOCÊ TODAS AS CORES EM MOVIMENTO?

O MENINO COR DE ROSA PENSOU UM POUCO E RESPONDEU:

SÓ TEM UM DETALHE... EU NÃO SOU BRANCO!

PRONTO, AGORA É QUE AS COISAS COMPLICARAM DE VEZ. E COMEÇOU AQUELA DISCUSSÃO.

O QUE É REALMENTE BRANCO NA NATUREZA?

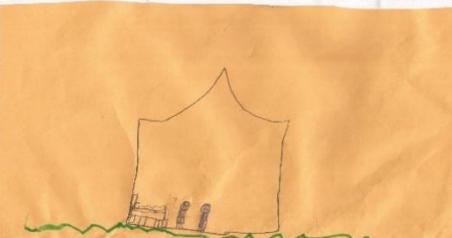
O TIPO DE PERGUNTA QUE O MENINO CURIOSO SEMPRE FAZ.



7

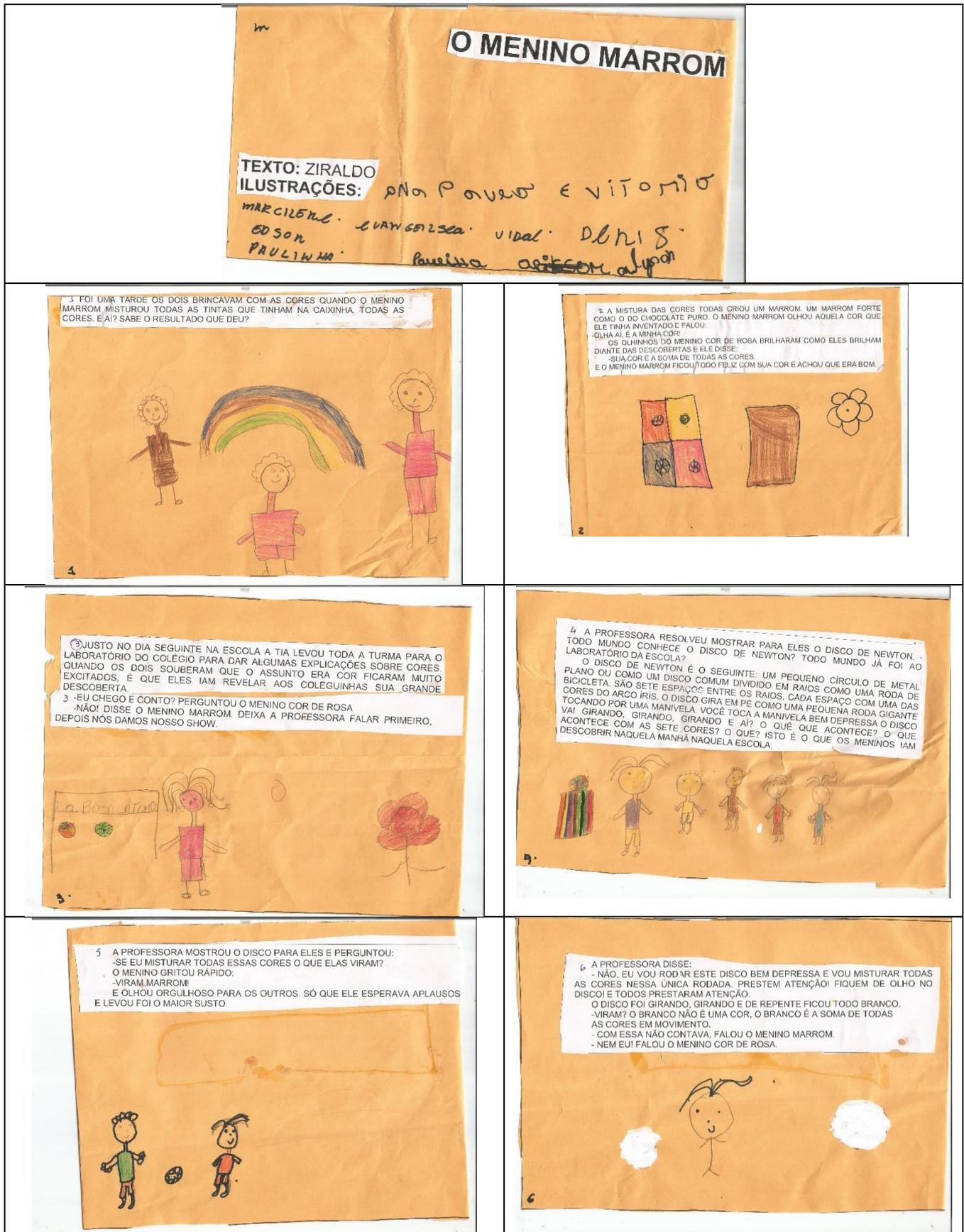
8 E QUANDO OS DOIS CHEGARAM EM CASA ESTAVAM ENCANTADOS COM UMA NOVA DESCOBERTA.

O MUNDO NÃO É DIVIDIDO ENTRE PESSOAS BRANCAS E PRETAS, MESMO PORQUE ELAS NÃO EXISTEM. O QUE EXISTE É GENTE MARRROM MARRROM ESCURO, MARRROM CLARO, AVERMELHADO, COR DE COBRE, COR DE MEL, CHARUTO, PARDO, CASTANHA, BEGE, PLÍCS ESVERDEADA, CREME, MARFIM, AMARELADA, OCRE, CAFÉ COM LEITE, BRONZE, ROSADA, COR DE ROSA E TODAS ESSES NOMES APROXIMADOS E COMPOSTOS DAS CORES E SUAS VARIAÇÕES. NE?



8

## Quadro 13 - Historinha da equipe 5





Fonte: Dados da pesquisa.

Todos os alunos apresentaram seus desenhos descrevendo a cena da história a que desenho se referia. Quando eles terminaram a atividade proposta fiz alguns questionamentos tais como: Existe algum menino marrom aqui na sala? E algum menino rosa?

Diante do primeiro questionamento alguns alunos responderam negativamente, outros ficaram calados. Quando perguntei se havia algum menino rosa alguns também responderam que não e outros mais uma vez ficaram calados. Diante do silêncio e da resposta negativa lancei outro questionamento: Então qual a cor de vocês? Como vocês se consideram?

Logo foram surgindo algumas respostas, como pardo, branco... Observei que alguns alunos tinham dúvida quanto a sua cor outros tiveram receio de responder a esta pergunta, a mesma que foi feita no questionário que na aula anterior eles tinham respondido devido à resposta do questionário ser pessoal e já a outra para eles exigia um reconhecimento na frente dos colegas. Talvez os alunos sintam receio de revelar sua opinião a cerca de suas cores de pele já que muitas foram às denominações criadas para se referirem as pessoas de pele em tons mais escuros para que fugissem da afirmação de ser negra. Percebe-se que para alguns é preferível ser chamado de marrom, moreno a ser chamado de negro. Essa negação provavelmente é consequência dos atributos negativos associados a cor negra. Conforme descreve Oliveira:

“No pensamento ocidental a escuridão, a sombra e a cor negra assumiram representações simbólicas do mal, da desgraça, da perdição e da morte. Estes atributos negativos, presentes em muitos mitos, são associados às populações

que possuem a cor negra, como um estigma, principalmente através da educação” (OLIVEIRA apud MEIJER, 2007, p. 16)

Com base na história conversamos um pouco sobre o que eles tinham aprendido com a narrativa, alguns detalhes foram observados. Um dos meninos era marrom o outro rosa, mas eles eram amigos independentemente da cor, os alunos também ressaltaram que todos eram iguais, feitos da mesma coisa e que cada um é importante do jeito que é. Pedi que observassem se dentro da sala havia alguém com o tom de pele exatamente igual ao de outro os alunos e perceberam que não, afirmei então que ninguém era igual, e que todos nós éramos únicos e importantes exatamente como somos.

Fotos da oficina:

Fotografia 2 – Escutando o áudio do livro o menino marrom



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Fotografia 3 – Explicação da atividade



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Fotografia 4 – Brincando de ilustradores 1



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Fotografia 5 – Brincando de ilustradores 2



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

### 3.2.2 Oficina 2: O cabelo de Lelê

A segunda oficina teve como base a leitura do Livro o Cabelo de Lelê de Valéria Belém, esta foi realizada com o objetivo de formar nos alunos a valorização do cabelo, pois segundo Gomes (2002, p. 41) este é um forte ícone identitário e apresentar esta estética como parte das riquezas herdadas pelos afrodescendentes, contribuindo também com a valorização da autoimagem de cada uma das crianças.

É importante perceber que este dialogo sobre aspectos da estética como, por exemplo, o cabelo e o corpo são de extrema importância dentro do ambiente de ensino, pois a “escola pode atuar tanto na reprodução de estereótipos sobre o negro, o corpo e o cabelo, quanto na superação dos mesmos”. (GOMES, 2002, p.47)

No primeiro momento desta oficina apresentamos aos alunos um slide com diversas imagens de cabelos bem variados, (maioria deles crespos) e observamos a reação deles ao verem as imagens. Alguns observaram atentamente, outros conversavam com os colegas fazendo comparações tipo “esse cabelo e penteado parece com o da personagem” Mônica, outros riram quando viram algumas das imagens.

Como continuação da atividade, pedi que eles escrevessem como um segredo a opinião deles a respeito dos cabelos que eles tinham visto nas imagens.

Segue a tabela com as respostas dos alunos

Quadro 14 – Segredos dos alunos

Feios	Bonitos	Legal	Alguns feios outros bonitos	Horroroso	Assustador	Engraçado
11 alunos	3 alunos	2 alunos	4 alunos	4 alunos	1 alunos	1 alunos

Fonte: Dados da pesquisa.

Um grande número de alunos considerou os cabelos feios. Este comportamento reforça a ideia de que ainda na sociedade atual a imagem que se tem acerca do negro e de características presentes em pessoas negras como o cabelo etc. Ainda é bastante negativa por isso algumas pessoas buscam muda-lo, e aponta a grande necessidade de trabalhar essa temática.

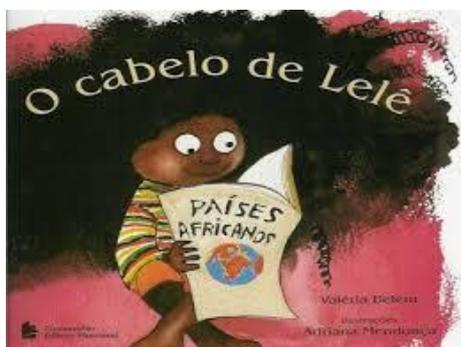
Nilma Gomes discorre sobre o conflito existente por trás da busca pela mudança, e de como essa imagem ligada ao cabelo negro é parte do racismo presente na sociedade.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. (GOMES, 2007, p.3)

Gomes (2003, p. 171) fala sobre a dificuldade de desconstruir a imagem negativa sobre o ser negro quando afirma que “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros”.

Continuamos a oficina com o livro o cabelo de Lelê, passamos a animação do livro em um data show e pedimos que todos da turma lessem a história, em seguida discutimos um pouco sobre o que eles tinham aprendido com base na valorização que o livro ensina. Perguntei aos alunos se eles conheciam sua própria história, se eles já conversaram com os pais deles sobre seus antepassados, quem eram? Como eram? De onde eram? E instiguei que eles procurassem conhecer a história de sua família, pois assim eles iriam descobrir de onde vêm as características que eles carregam hoje, assim como fez a personagem Lelê. Expliquei que cada pessoa é bela assim como é, e da importância de respeitar a si próprio e aos outros. Após esta breve conversa pedi que cada aluno escrevesse uma história sobre cabelo.

Fotografia 6 – Capa do livro o cabelo de Lelê



Observamos que a história de Lelê interveio na imagem que muitos alunos tinham acerca dos cabelos, principalmente os crespos. A história também despertou neles o interesse em buscar conhecer sua origem como fez a personagem. Muitos contaram uma história de valorização dos cabelos, de respeito. Outros se colocaram como personagens da história narrando acontecimentos como pode ser observado em trechos retidos de suas histórias.

“(…) mais eu não tenho vergonha porque meu cabelo sempre será do mesmo jeito bonito” (aluno 1)

“Um dia me falaram que o meu cabelo era feio, mas eu não liguei e falei: você acha ele feio, mas por trás tem uma bela história. Eu amo meu cabelo do jeitinho que ele é.”(Aluno 2)

“Eu achava meu cabelo alto, grande e feio, mas depois que descobri a história que tinha nele comecei a gostar...” (Aluno 2)

“Eu gosto muito do meu cabelo e quem não gosta do seu cabelo e nem do seu corpo procure a história do seu cabelo que você vai gostar.” (Aluno 3)

“Tem cabelos cacheados, lisos e as cores tem branco, preto, tem de toda cor, não importa a cor, quem bota preconceito. Não ligue, seja você mesmo, pois seu cabelo é lindo.”(Aluno 4).

“Eu tenho orgulho do meu cabelo sendo preto ou marrom eu tenho orgulho do meu cabelo, e você?” (Aluno 5)

“Tem pessoas que não gostam do meu cabelo, mas eu não ligo, eu ignoro.” (Aluno 6)

“Era uma vez um menino que tinha os cabelos muito grandes, ele não gostava do seu cabelo. Ele pegou um livro para saber se seu cabelo abaixava e um dia ele descobriu que seu cabelo tinha uma história e ele ficou muito surpreso e ele ficou muito feliz e ele agora gosta muito do seu cabelo” (Aluno 7)

Como se observa na tabela (verificar tabela na página 52) a maioria dos alunos achava os cabelos crespos e volumosos feios. Depois de conhecerem a história da Lelê e de discutirmos as ideias do livro observamos que a visão de muitos alunos acerca de cabelos crespos ou dos próprios cabelos mudou. Percebe-se assim a contribuição da oficina para a valorização de aspectos da estética negra.

Fotografia 7 – Conhecendo a História de Lelê 1



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Fotografia 8 – Conhecendo a História de Lelê 2



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Fotografia 9 - Explicação da atividade com a caixinha dos segredos



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Fotografia 10 – Escrevendo os segredos



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

### 3.2.3 Oficina 3: Doce Princesa Negra

Esta oficina teve como objetivo apresentar uma nova imagem sobre a pessoa negra, a partir do diálogo sobre a presença de personagens negros também como símbolos de realeza nos livros de literatura, desconstruindo estereótipos do negro humilhado e desprovido de valor, pois segundo Silva (2005, p. 24 ) “Os estereótipos geram os preconceitos, que se constituem em um juízo prévio a uma ausência de real conhecimento do outro.” Pretendeu-se portanto apresentar um conhecimento real sobre o ser negro, por meio da representação positiva para o combate a preconceitos.

A presença de uma personagem negra relacionada a realeza é de grande eficácia no processo de construção identitária das crianças, os alunos muitas vezes só conhecem as imagens apresentadas nos livros didáticos que geralmente colocam pessoas negras de forma inferiorizada. Segundo Ana Célia Silva:

Não ser visível nas ilustrações do livro didático e, por outro lado, aparecer desempenhando papéis subalternos, pode contribuir para a criança que pertence ao grupo étnico/racial invisibilizado e estigmatizado desenvolver um processo de auto-rejeição e de rejeição ao seu grupo étnico/racial. (SILVA, 2005, p. 25)

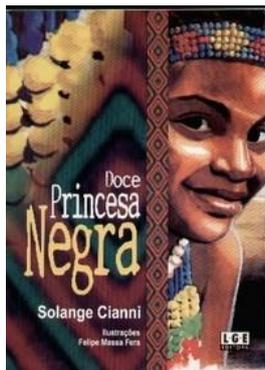
Por tanto para ajudar as crianças a não desenvolverem essa rejeição e ao contrario admiração, reconhecimento e valorização, é necessário desconstruir estereótipos e apresentar uma imagem positiva sobre o negro.

Iniciamos está oficina mostrando aos alunos imagens de coroas ou objetos que identificassem realeza e poder, nos diferentes lugares do mundo. Apresentamos a coroa indígena, egípcia, europeia. Na medida em que íamos passando as imagens fomos indagando aos alunos se eles conheciam a quem pertenciam àquelas coroas. Algumas eles acertaram com facilidade já outras eles foram arriscando algumas respostas até acertarem.

Com base na atividade com as imagens iniciamos um diálogo sobre realeza e disse para eles que os reis e rainhas não eram somente aqueles das histórias que tinham costume de ouvir, mas que no Egito o faraó era como se fosse um rei, para os índios o cacique chefe da tribo era o rei deles, e assim por diante de acordo com as coroas apresentadas. Alguns alunos demonstraram surpresa e empolgação diante dessa nova ideia de realeza.

No decorrer do dialogo perguntei se eles conheciam se já tinham escutado alguma história de princesa ou príncipe, rei ou rainha negros e eles disseram que não. Indaguei se eles tinham interesse em ouvir uma história de uma princesa negra da África. Eles responderam positivamente, então lhes contei a história de Omolabake a doce princesa negra do livro de Solange Cianni. Que narra o cotidiano de Omolabake uma menina negra vaidosa.

Fotografia 11- capa do livro Doce Princesa Negra



Após a leitura do livro pedi que os alunos se dividissem em equipes e criassem uma história relacionada à realeza, ensaiassem e cada equipe encenasse sua história para os outros colegas. Explicamos que eles poderiam escrever sobre qualquer tipo de realeza, indígena, Africana... Apenas duas equipes escreveram a história e ambas apresentaram para os colegas.

#### História da equipe 1- A princesa adormecida

“Era uma vez uma princesa que estava colhendo flores no campo. De repente chegou uma bruxa má e congelou o coração dela e ela ficou adormecida por cinco anos. Mas um dia chegou um príncipe e beijou a princesa. De repente passaram-se 10 minutos e o príncipe sem saber o que fazer quando ele olhou para trás a princesa estava acordando. Então ele começou a perguntar --como você dormiu esses anos todos?

-Foi uma bruxa maldita q congelou meu coração.

Assim eles se casaram e tiveram três lindos filhos. O nome da família passou a se chamar família adormecida.”

#### História da equipe 2- A princesa e o sapo

“Era uma vez uma princesa que gostava de brincar de bola. Um dia a bola rolou e caiu em cima de um sapo e caiu num lago. A princesa foi correndo atrás, ela olhou para

um lado e para o outro e não viu nada. O sapo viu a bola dentro do lago e não sabia de quem era.

Certo dia ela foi para o lago procurar de novo, aí o sapo estava brincando com sua bola, aí ela disse:

-Essa bola é minha

E o sapo respondeu

-Só vou te entregar essa bola se você me der um beijo

A princesa lhe deu um beijo e ele virou um príncipe encantado e ele entregou sua bola e foram brincar juntos com a bola, de repente chegou o pai da princesa chamando-a para dormir, ele viu o príncipe e a princesa e chamou os dois, eles cresceram, casaram e tiveram duas filhas e viveram felizes para sempre.”

Observamos que apesar de terem conhecido outros tipos de realezas ou alunos optaram por contar suas histórias semelhantes às que eles tinham costume de ouvir, eles construíram suas histórias tendo como inspiração histórias Eurocêntricas. Não fizeram referência e não caracterizaram os personagens como brancos, pretos ou indígenas. Um dos possíveis motivos para isso ter acontecido talvez seja por eles terem que encenar e se fazerem aqueles personagens. Percebe-se a partir dos dados recolhidos desta oficina que as crianças não estão habituadas a personagens negros, indígenas como símbolos da realeza.

Fotos da oficina 3:

Fotografia 12 – Conhecendo as realezas



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Fotografia 13 – Escrevendo a História sobre realeza



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Fotografia 14 – Encenação das histórias



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Fotografia 15 – Foto com a turma



Fonte: Arquivo pessoal da autora

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos com base na questão que norteou toda a pesquisa, até que ponto e de que forma intervenções pedagógicas acerca da estética negra a partir da literatura afro-brasileira realizadas numa escola pública de Guaiúba contribuíram para a implementação da lei 10.639/ 2003, observamos que as oficinas tiveram resultados significativos para a escola e para os alunos.

As intervenções em si já foram uma contribuição para a implementação da lei 10.639/ 2003, principalmente se levarmos em consideração a participação dos alunos e da professora durante as atividades nas quais eles demonstraram grande interesse. A professora não participou de forma ativa durante todas as atividades, porém esteve atenta a elas. Em uma das atividades na qual os alunos encenaram as histórias criadas por eles, a docente mostrou maior interesse, se encarregou de preparar os alunos para a encenação e deu opiniões sobre algumas posturas e comportamentos para que os alunos pudessem representar melhor os personagens das histórias.

Ao compararmos o antes e o depois de cada aluno em relação as oficinas percebe-se uma mudança no olhar que estes tinham em relação ao ser negro e o interesse em aprender sobre o tema. Destacamos a importância de trabalhar aspectos da estética negra na escola e o quanto é necessário o uso de livros e histórias que tenham personagens negros como figuras centrais como meios que auxiliarão os alunos no processo de construção de sua identidade.

Com base nas ideias apresentadas vê-se que há uma grande necessidade de ensinar aos jovens e crianças que negros e indígenas são sujeitos históricos, que fizeram e fazem parte da sociedade a partir da desconstrução de estigmas que giram em torno deles, isso será possível na medida em que eles conhecerem heróis negros.

Algumas oficinas obtiveram maiores resultados, mas cada uma delas foi realizada com metodologias diferentes, teatro, pinturas, escrita revelando ao professor várias possibilidades para trabalhar esta temática.

O uso da literatura apresentou-se como boa via para tratar deste assunto principalmente com crianças, pois se percebeu que elas puderam se enxergar a partir dos personagens. A presença destes personagens também ajudou na desconstrução, mesmo que inconsciente, da ideia de só haver personagens brancos como personagens

principais e sujeitos nas histórias. Por meio dos livros os alunos puderam ver que há sim histórias de negros e que elas não são somente sobre escravidão.

Como é uma temática ainda pouco ensinada nas escolas encontramos algumas dificuldades durante a realização das atividades entre elas alguns imprevistos tecnológicos e falta de alguns recursos. Quanto a material literário a escola possui alguns livros que abordam a temática ou relacionados a está, mas em pouca quantidade.

Dessa maneira e partindo dos resultados obtidos, gostaríamos de sugerir a partir dessa a experiência, o uso do diálogo com os alunos sobre a questão racial, e o uso da literatura para abordar este tema. Como material pedagógico, sugerimos os livros usados neste trabalho: O menino marrom de Ziraldo, O cabelo de Lelê de Valéria Belém, Doce princesa negra de Solange Cianni e outros como: Que cor é a minha cor de Martha Rodrigues, Zica a menina que viu um Erê de Rebeca A. Meijer, entre outros. Na internet também há sites confiáveis que auxiliam com atividades e material para trabalhar a temática racial, sugerimos o site do programa a cor da cultura para que os professores possam aprofundar conhecimentos neste tema e encontrem material pedagógico para abordar a questão racial na sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE. Michely Peres de. **A contribuição da literatura africana para a descolonização dos currículos escolares no Brasil**, Ano VIII, v.19, nº01, 2013, p.41-52.

BELÉM, Valeria. **O Cabelo de Lelê**. IBEP, 2ªEd. 2012.

BARBIER. René. **A pesquisa ação**. Brasília, Tradução de Lucie Didio-. Liber livro editora, 2007, p.159.

BRASIL. **Estatuto da igualdade racial, Brasília**, 2006. Disponível em: <[http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/pop\\_negra/estatuto\\_racial.pdf](http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/pop_negra/estatuto_racial.pdf)>. Acesso em: 16 de Julho de 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília-DF, outubro, 2004. Disponível em:<<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em 16 de Julho de 2014.

\_\_\_\_\_. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnicos raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**, 2010. Disponível em:<[http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc\\_download&gid=1852&Itemid=>](http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=1852&Itemid=>)>. Acesso em:19 de Setembro de 2014.

CENCIANI, Daniela Xavier. **Relações entre o cotidiano escolar da educação infantil e a problemática racial brasileira**. Revista África e Africanidades - Ano I, n. 3, nov. 2008. Disponível em: <[https://www.google.com.br/?gws\\_rd=ssl#q=.+Rela%C3%A7%C3%B5es+entre+o+cotidian+o+escolar+da+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil+e+a+problem%C3%A1tica+racial+brasileira](https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=.+Rela%C3%A7%C3%B5es+entre+o+cotidian+o+escolar+da+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil+e+a+problem%C3%A1tica+racial+brasileira)>. Acesso em: 31 de dezembro de 2015..

CIANNI. Solange de Azevedo. **Doce Princesa Negra**. LGE Editora, 2006.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <<https://www.unisul.br/wps/wcm/connect/993d7833-2da2-4257-ba34->>

[84ca55c9d19b/materiais-apoio\\_pedagogia-da-autonomia\\_integracao-universitaria\\_tb.pdf?MOD=AJPERES](http://84ca55c9d19b/materiais-apoio_pedagogia-da-autonomia_integracao-universitaria_tb.pdf?MOD=AJPERES)> Acesso em: 18 de Setembro de 2014.

GOMES. Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão, 2012. Disponível em :<<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 09 de Outubro de 2014.

\_\_\_\_\_. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Universidade federal de Minas Gerais, Educação e pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p.167-182, 2007. Disponível:< <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>. >. Acesso em: 28 de Outubro de 2015.

\_\_\_\_\_. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>.> Acesso em: 04 de Agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?**, 2002. Disponível:< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03>>. Acesso em: 04 de Agosto de 2015.

IBGE, **Instituto brasileiro de geografia e estatística** –. Censo Demográfico, 2010, Rio de Janeiro, 2012.

MUNANGA. Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada/organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PINTO, Ziraldo Alves. **O Menino Marrom**. Melhoramentos, 2009.

SILVA. Rebeca de Alcântara e. **A menina e o erê nas viagens ao ser negro/ser negra: Uma pesquisa sociopoética com educadores em formação**. Fortaleza, 2007.

SILVA. Tássia Fernanda de Oliveira. **Lei 10.639/03: Por uma Educação antirracismo no Brasil**. Ano VII, V.16, 2012, p. 103. Disponível

em:<[http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ\\_INTER\\_16/INTER16\\_008.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_16/INTER16_008.pdf).> 19 de Setembro de 2014.

TRIPP. David. **Pesquisa ação: Uma introdução metodológica**, São Paulo, v. 31, n.3, p.443-466, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>>. Acesso: 19 de Novembro de 2014.

## Apêndices

### Apêndice 1. Questionário de alunos

1. Como você se considera?

Branco     preto     pardo     amarelo     indígena

2. Você já sofreu ou presenciou alguém sofrer algum tipo de preconceito na escola devido a cor da pele?

( ) sim    ( ) não

3. Em caso afirmativo esta discriminação partiu de: (pode marcar mais de uma alternativa).

- ( ) pelos colegas da escola  
 ( ) Por parte dos professores  
 ( ) Funcionários: Diretores, zeladores, monitores, etc.

4. Você já foi vítima ou viu, ouviu, presenciou os xingamentos e os apelidos ofensivos a outros colegas de escola.

( ) sim    ( ) não

Quais? \_\_\_\_\_

5. Você conhece alguma manifestação cultural afro-brasileira?

( ) sim    ( ) não

Qual? \_\_\_\_\_

6. O seu professor fala sobre a história da população negra na sala de aula?

( ) sim    ( ) não

7. Seu professor/a já leu ou pediu para você ler alguma história com personagens negros?

( ) sim    ( ) Não

Cite um livro \_\_\_\_\_

8 Faça uma pequena relação de personagens negros presentes nos livros que você conhece.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## **Apêndice 2. História O Menino Marrom**

**Autor: Zivaldo**

Foi uma tarde, os dois brincavam com suas cores, quando o menino marrom misturou todas as tintas que tinha na caixinha de aquarela, todas as cores do arco íris,

E aí, sabe o resultado que deu?

A mistura das cores todas criou um marrom. Um marrom forte como o do chocolate puro.

O menino marrom olhou para aquela cor que ele tinha inventado e falou: ‘Olha aí. É a minha cor!’

Os olhinhos do menino cor-de-rosa brilharam como eles brilharam diante de suas descobertas. E ele disse: “sua cor é a soma de todas as cores!”

O menino marrom ficou todo feliz. Criou sua cor e achou que era bom.

Justo no dia seguinte, na escola, a tia levou toda a turma para o laboratório do colégio para dar algumas explicações sobre cores, Quando os dois souberam que o assunto era cor, ficaram muito excitados. E que eles iam revelar aos coleguinhas sua grande descoberta.

“Eu chego e conto ?” Perguntou o menino cor-de-rosa.

“Não” disse o menino marrom. “deixa a professora falar primeiro, depois nós damos o nosso show”.

A professora resolveu mostrar para eles o Disco de Newton.

Todo mundo conhece o disco de Newton, não é verdade?

Todo mundo já foi ao laboratório da escola, certo? [...]

O Disco de Newton é o seguinte: um pequeno círculo de metal, plano como um disco comum, dividido em raios (como uma roda de bicicleta). São sete espaços entre os raios, cada espaço com uma das cores do arco-íris. O disco gira em pé, como uma pequena roda-gigante, tocado por uma manivela. Você toca a manivela bem depressa, o disco vai girando e aí, o que é que acontece com as sete cores ? O quê?

Isto é o que os meninos iam descobrir naquela manhã, na escola.

A professora mostrou o disco para eles [...] e perguntou: “Se eu misturar todas essas cores, o que é que elas viram ?”

O menino gritou, rápido: “Viram marrom!” E olhou orgulhoso para os outros. Só que ele esperava aplausos e levou foi o maior susto.

A professora disse: “Não.” E continuou “Vejam: eu vou rodar este disco bem depressa e vou misturar todas as cores nesta rodada”.

Prestem atenção, fiquem de olho no disco

E todos prestaram atenção. O disco fôo girando, girando, e, de repente, ficou todo branco. E a professora explicou: “Viram? O branco não é uma cor. O branco é a soma de todas as cores em movimento.

“Com esta não contava” falou o menino marrom.

“Nem eu” falou o menino cor-de-rosa.

Os dois voltaram para casa calados, com a cabecinha fervendo.

A coisa tinha ficado desse jeito: Se misturar todas as coisas e elas não girarem, elas ficam marrom.

Se misturar todas as cores — em partes iguais — e botá-las para rodar, elas viram o branco.

Estava tudo assim, quando, de repente, o menino marrom falou para o menino cor-de-rosa:

“Quer dizer que eu sou todas as cores paradas e você é todas as cores em movimento?”

O menino cor-de-rosa pensou um pouco e respondeu: “Só tem um detalhe: eu não sou branco!”

Pronto. Agora e que as coisas complicaram de vez...

E [começou] aquela discussão: o que é realmente branco na Natureza?

O tipo da pergunta de menino curioso!

E quando os dois chegaram em casa, estavam encantados com uma nova descoberta: o mundo não é dividido entre pessoas brancas e pretas.

Mesmo porque elas não existem!

O que existe - que boa descoberta! - é gente marrom, marrom-escuro, marrom-claro, avermelhada, cor-de-cobre, cor-de-mel, charuto, pardo, castanha, bege, flicts, esverdeada, creme, marfim, amarelada, ocre, café-com-leite, bronze, rosada, cor-de-rosa e todos esses nomes aproximados e compostos das cores e suas variações.

### **Apêndice 3. Historia O cabelo de Lelê**

**Autora: Valéria Belém**

Lelê não gosta do que vê.

- De onde vem tantos cachinhos? Pergunta sem saber o que fazer.

Joga pra lá. Puxa pra cá.

Jeito não dá. Jeito não tem.

De onde vêm tantos cachinhos? , a pergunta se mantém.

“Toda pergunta exige resposta.

Em um livro vou procurar!”. Pensa Lelê, no canto a cismar.

Fuça aqui, fuça lá.

Mexe e remexe até encontrar o tal livro, muito sabido! Que tudo aquilo pode explicar.

Depois do atlântico, a Africa chama

E conta uma trama de sonhos e medos

De guerras e vidas e mortes no enredo

Também de amor ao enrolado cabelo

Puxado, armado, crescido, enfeitado

Torcido, virado, batido, rodado

São tantos cabelos, tão lindos, tão belos!

Lelê gosta do que vê!

Vai a vida, vai ao vento

Brinca e solta o sentimento

Descobre a beleza de ser como é

Herança herdada no ventre da raça

Do pai, do avô, de além-mar até

O negro cabelo é pura magia

Encanta o menino e a quem se avizinha

Lelê já sabe que em cada cachinho

Existe um pedaço de sua história

Que grita e roda no fuso da terra

De tantos cabelos que são a memória

Lelê gosta do que vê! E você?

#### **Apêndice 4. Historia Doce Princesa Negra**

**Autora Solange Cianni**

Negra como as noites da Nigéria

Olhinhos de estrela cadente

Rosto de lua cheia

- Acorda, Omolabake! Vem trançar os cabelos!

E puxa, que puxa!

E trança, que tranças!

- Ai! Não puxa tanto que dói! Tô bonita?

Panoss tranças

Miçangas e danças...

Doce princesa negra

– E E Karo, Omolabake!

E E Karo, professora!

(Sorriso branquinho na boca carnuda)

Omô, canta o canto da sua gente?

Canta, claro que canta! E como canta!

Parece até que tem passarinho na garganta!

Os olhinhos fechados, a pele negra brilhando e ela cantando...

– Pique- pega-peguei também!

– Belém, Belém, nunca mais fico de bem...

– Qual – é – a – cor – do – seu – namorado?

– Azul – branco – negro – Dourado?

Ah! Omolabake! Menina alegre, amanda

Em Yoruba: criança que deve ser mimada.

– E E Karo, Omolabake!



**Apêndice 6. Termo de consentimento da instituição de ensino.****TERMO DE CONSENTIMENTO.**

Eu, Rebeca de Alcântara e Silva, na condição de orientadora do trabalho de conclusão de curso da/o aluna/o:

Milena da Silva Garcia

Solicito, mui respeitosamente, que o responsável pela escola de E.B.M. Francisco Bandeira Torres assine o presente termo de consentimento nos autorizando a publicar o nome da instituição escolar pesquisada. Tal conteúdo será parte do TCC da/o referida/o aluna/o e vinculados em possíveis artigos científicos.

Keylla Daniele Lima da Silva

Assinatura do responsável.

Keylla Daniele Lima da Silva  
Diretora Escolar  
PAR-CE 0456/2013